

**A FESTA DO
DIVINO ESPÍRITO SANTO
DE PIRACICABA**



A Festa do Divino Espírito Santo de Piracicaba

Piracicaba
DPH - IPPLAP

2012



© IPPLAP, 2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Melysse Martim - CRB-8/8154

l64f DPH IPPLAP

A festa do Divino Espírito Santo de Piracicaba. – Piracicaba:
IPPLAP, 2012.

110 p. : il.

ISBN 978-85-64596-02-3.

1. Festas religiosas: festa do divino. I. Título.

CDD 398.332

CDU 398.332

Índice para catálogo sistemático:

1. Festas religiosas: festa do divino 398.332

Impresso no Brasil

Foi feito o depósito legal na Biblioteca Nacional
[Lei nº 10.994, de 14/12/2004]

Direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610/98

Proibida a reprodução total ou parcial sem a prévia autorização dos editores.

Prefeitura Municipal de Piracicaba

Rua Antonio Correa Barbosa, 2233 - Centro
13400 900 Piracicaba SP Brasil
www.piracicaba.sp.gov.br

**Instituto de Pesquisas
e Planejamento de Piracicaba**

Rua Antonio Correa Barbosa, 2233 - Centro
13400-900 • Piracicaba SP Brasil
www.ipplap.com.br
ipplap@ipplap.com.br
Tel.: (19) 3403 1200
Fax.: (19) 3403 1365

Prefácio

Escrever sobre as nossas manifestações culturais é reconhecer e valorizar sua existência, principalmente nos tempos atuais, em que, pelos avanços tecnológicos, tudo vai se tornando altamente célere, efêmero.

Principalmente nesse sentido, a iniciativa do Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba (IPPLAP) é muito bem-vinda. A autarquia inicia com esta publicação o relato das principais manifestações culturais piracicabanas, fruto do estudo que sua equipe vem realizando para a produção de conhecimento e documentação. A intenção é, com estes relatos, contribuir para a preservação de bens de natureza imaterial que a cidade mantém vivos.

O início da série com a temática Festa do Divino não poderia ser mais simbólica: é a principal e mais perene manifestação do nosso povo e ainda tem como palco o mais forte dos ícones, o rio que dá nome à cidade: o Piracicaba. Além disso, essa Festa se acomoda no berço de fundação da cidade e permeia grande parte de sua história.

Nas páginas que se seguem, a origem das Festas do Divino pelo mundo e pelo Brasil, o significado dos seus símbolos, a preservação dos rituais, a mistura do sagrado e do profano estão retratadas para que o leitor se identifique, se reconheça e assim preserve o que é constitutivo no seu modo de vida.

Boa leitura!

Barjas Negri

INSTITUTO DE PESQUISAS E PLANEJAMENTO DE PIRACICABA - IPPLAP

Prefeito Municipal

Barjas Negri.

Diretor Presidente

Rafael Ciriaco de Camargo.

Departamento de Patrimônio Histórico

Marcelo Cachioni.

Supervisão e Coordenação Técnica:

Marcelo Cachioni.

Pesquisa e Elaboração

Fernando Monteiro Camargo.

Marcelo Cachioni.

Colaboração:

Agenor José Teixeira Pinto de Farias.

Alex Donizete Perez.

Douglas Pinheiro Graciano.

Joana Dias de Andrade Yashimoto.

Juliana Cristina Tavares.

Mapas:

Sofia Puppim Rontani.

Revisão de Texto:

Sabrina Rodrigues Bologna.

Diagramação:

Camila Menezes Borges.

Fotografias

Ivan Moretti.

Capa:

Camila Menezes Borges.

Apoio à Pesquisa:

Irmandade do Divino Espírito Santo de Piracicaba - SP.





APRESENTAÇÃO

Visando o reconhecimento e valorização das manifestações da cultura piracicabana, o Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba (IPPLAP), no ano de 2011, deu início aos estudos técnicos especializados para a produção de conhecimento e documentação das principais manifestações populares da cidade de Piracicaba. Esse trabalho parte da necessidade de contribuir para a preservação de bens de natureza imaterial em Piracicaba. É importante destacar que as manifestações da cultura piracicabana não são apenas 'acessórios culturais', pois é a partir delas que se faz e refaz relações em que a própria sociedade se percebe, se julga, se admira e se interpreta (DOSSIÊ IPHAN, Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis - GO, 2008). Ou seja, as manifestações culturais atuam com papel

fundamental na construção da identidade e no modo de vida do povo piracicabano. O objetivo deste estudo consiste em iniciar um levantamento detalhado sobre as festas e tradições piracicabanas com o intuito de contribuir para reconhecimento e mapeamento da diversidade étnica e cultural de Piracicaba. Dessa forma este estudo procura demonstrar a importância dos órgãos públicos como agentes de mediação do sentimento de patrimônio imaterial por meio da valorização, interpretação e proteção de bens culturais. Mais especificamente, o IPPLAP procura atingir recomendações do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, desenvolvido pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, (IPHAN, 2008), tais como: atuar na implementação de política de inventário, registro e

salvaguarda de bens culturais de natureza imaterial, contribuir para a preservação da diversidade étnica e cultural brasileira e disseminar informações sobre patrimônio cultural a todos os segmentos da sociedade.

Como ação inicial da análise do patrimônio imaterial do povo piracicabano, foi realizado o estudo da festa do Divino Espírito Santo de Piracicaba. A escolha da Festa como primeira a ser estudada se deu por ser identificada como a manifestação cultural mais antiga e de grande expressão do povo piracicabano, em sua 186ª edição. Para realizar a análise foi necessário visitar diversos estudos desenvolvidos pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), relatos encontrados em arquivos históricos da Festa em Piracicaba e descrições de diversas Festas do Divino do Brasil e do Mundo. Além disso, foi preciso definir o conceito de patrimônio cultural imaterial utilizado neste trabalho.

A metodologia adotada neste estudo constituiu-se de pesquisa bibliográfica e trabalho de campo envolvendo observação participante e entrevistas, o que permitiu descrever as manifestações populares relacionadas à Festa do Divino a partir da perspectiva dos próprios

participantes, sem perder sua dimensão histórica. Este método facilitou a compreensão sobre o lugar onde as manifestações da cultura ocupam na dinâmica da vida social da cidade, verificando como toma forma a partir das manifestações culturais.

DPH/IPPLAP

SUMÁRIO

PATRIMÔNIO IMATERIAL	11
PESQUISA ETNOGRÁFICA	15
ORIGENS (INFLUÊNCIAS) DA FESTA DO DIVINO	19
FESTIVIDADES DO DIVINO NO BRASIL	27
A FESTA EM PIRACICABA	35
DURANTE A FESTA	63
Primeiro Domingo	64
Segunda, Terça, e Quarta-Feira	68
Quinta-Feira e Sexta-Feira	69
Sábado	71
Segundo Domingo	72
INTERPRETAÇÕES	75
Tempo Sagrado	76
Centralidade	77
A Bandeira	77
O Mastro	80
As Rezas	80
Referências culturais	81
As Promessas	81

Os Pousos	81
Reza do pouso	83
FESTANÇAS FOLCLÓRICAS	86
A Congada do Divino	87
O Cururu	88
Baixão do Divino	90
Samba Lenço - Samba Roda	90
Dança dos Tangarás	91
Vai de Roda (Caninha Verde)	91
O LUGAR DA FESTA DO DIVINO	92
UMA FESTA PIRACICABANA	96
REFERÊNCIAS	102



PATRIMÔNIO IMATERIAL

Durante décadas predominaram ações preservacionistas voltadas prioritariamente para o tombamento dos chamados 'bens de pedra e cal' no Brasil (Abreu & Chagas, 2009). Com a aprovação do Decreto 3.551, de 4 de agosto de 2000, entraram em cena novas políticas de conservação e construção de acervos diversificados de expressão cultural que valorizavam os bens de natureza imaterial. Este decreto instituiu o inventário e o registro dos bens culturais de natureza imaterial ou intangível no Brasil. O decreto seguiu a noção de patrimônio cultural que já estava sendo utilizada nas políticas de tombamento de bens de natureza material, as quais destacam que devem ser preservados os monumentos por suas características de capital simbólico vinculado à identidade. Portanto, as

políticas de tombamento devem considerar o significado simbólico e a representação dos bens e não os seus valores estéticos e de antiguidade (Bourdieu, 2007).

Nessa perspectiva, o conceito de patrimônio cultural passou a incluir o conhecimento, as técnicas, o saber fazer, os elementos da natureza e os objetos obtidos. Segundo Leite (2008), a concepção de patrimônio avançou para o conjunto dos bens culturais referentes às identidades coletivas, ou seja, passou-se a valorizar os processos, a produção, as práticas, as representações e as expressões. Essa nova concepção compreende o patrimônio como algo da prática diária e sua interação com a natureza e a história, *"gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promo-*

ver o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana' (Leite, 2008). Ou seja, o patrimônio começou a ser visto como categoria, não apenas para simbolizar, representar ou comunicar, mas também para agir. Segundo Santos (2001), *"o patrimônio foi deixando de ser simplesmente herdado para ser estudado, discutido, compartilhado e até reivindicado"* (Silva, 2001).



*“Os devotos do Divino vão abrir sua
morada pra bandeira do menino ser
bem-vinda, ser louvada,
ai, ai.*

*Deus nos salve esse devoto, pela esmola
em vosso nome dando água a quem tem
sede, dando pão a quem tem fome,
ai, ai.*

*A bandeira acredita que a semente seja
tanta, que essa mesa seja farta, que essa
casa seja santa,
ai, ai.*

*Que o perdão seja sagrado, que a fé seja
infinita, que o homem seja livre, que a
justiça sobreviva,
ai, ai.*

*Assim como os três reis magos, que
seguiram a estrela guia, a bandeira
segue em frente, atrás de melhores dias,
ai, ai.*

*No estandarte vai escrito que ele voltará
de novo, que o Rei será bendito, ele
nascerá do povo,
ai, ai”.*

(Bandeira do Divino, Ivan Lins e Vitor Martins)



PESQUISA ETNOGRÁFICA

A metodologia utilizada neste estudo com base na pesquisa etnográfica, por meio da observação participante, entrevistas, análise de documentos históricos e pesquisa bibliográfica, possibilitou compreender as manifestações culturais de maneira totalizadora.

O método etnográfico, segundo Goldman (2003), tem o objetivo de:

“elaborar um modelo de compreensão de um objeto social qualquer (linguagem, magia, política) que, mesmo produzido em e para um contexto particular, seja capaz de funcionar como matriz de inteligibilidade em outros contextos. Nesse sentido, permite superar os conhecidos paradoxos do particular e do geral,

mas também os das práticas e normas ou realidades e ideais”

Esse método exige do pesquisador que observe e, ao mesmo tempo, participe dos eventos festivos, reuniões e atividades com um olhar sistemático sobre a manifestação cultural. Para Goldman (2003), ao citar Geertz (1983), o esforço de observar e ao mesmo tempo participar dos sentimentos nativos não significa pensar e sentir como um nativo, mas se colocar entre dois mundos, o do nativo e do pesquisador. Ou seja, o trabalho de campo do antropólogo deveria consistir *“na investigação das mediações que se interpõem entre os nativos e sua experiência social, possibilitando assim a*

análise das diferentes formas simbólicas através das quais os nativos se expressam" (Goldman, 2003).

É importante destacar que a busca do 'ponto de vista nativo' da manifestação cultural estudada só se torna possível a partir da construção da alteridade no campo, tratando as práticas sociais numa perspectiva relativista. Segundo Sahlins (2004), a perspectiva relativista pressupõe um distanciamento dos juízos de valores do pesquisador de modo que as práticas sociais sejam analisadas dentro dos valores nativos. Entretanto é necessário realizar, frequentemente, reflexões sobre as concepções do próprio pesquisador e do nativo de modo que este estudo possa atingir os fenômenos sociais de maneira totalizante.

Com a observação participante buscou-se associar e dar conta de sentidos sociais não verbalizados pelos participantes da pesquisa. Este método foi um recurso essencial e fundamentou-se em alguns autores como, por exemplo, Bonislaw Kasper Malinowski, que por meio de sua pesquisa nas Ilhas Trobriand na Nova Guiné mostrou a importância da pesquisa de campo para o conhecimento do funcionamento social. Para ele é importante levar em conta não só aquilo que o nativo diz, mas também aquilo que ele

faz. A observação participante permite, portanto, introduzir o pesquisador: *"no mundo das pessoas que pretende estudar, tenta conhecê-las, dar-se a conhecer e ganhar a sua confiança, elaborando um registro escrito e sistemático de tudo aquilo que ouve e observa"* (Bodgan & Biklen, 2003).

Buscando atingir uma maior espontaneidade e flexibilidade, foram feitas entrevistas abertas que permitiram complementar e aprofundar o que foi observado. Essas entrevistas não obedeceram a um roteiro previamente elaborado, sendo que as informações foram registradas no caderno de campo. Isto permitiu absorver grande quantidade de informações, com participação ativa, procurando compreender a situação vivenciada de forma a refletir e ressignificar expectativas, procurando deixar o entrevistado com liberdade para se expressar.

As análises de documentos permitiram conhecer a Festa na sua dimensão histórica. Foram pesquisados jornais, relatos, folhetos e documentos de registro. Estes documentos constavam nos acervos do Instituto Histórico Geográfico de Piracicaba (IHGP), do Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba (IPPLAP), da Biblioteca Municipal de Piracicaba Ricardo Ferraz de

Arruda Pinto (BMP) e em acervos particulares de membros da Irmandade do Divino Espírito Santo.

Para contextualizar, complementar e embasar a análise do trabalho de campo e da pesquisa em arquivos foi essencial o aprofundamento teórico sobre a Festa do Divino Espírito Santo, recorrendo a Dossiês produzidos pelo IPHAN, referências sobre patrimônio imaterial e referências sobre a história de Piracicaba.

Adotamos o conceito de patrimônio em uma perspectiva interdisciplinar, envolvendo autores da arquitetura, história, sociologia e antropologia, de forma que a análise não limitasse a manifestação cultural a um único ponto de vista.



**ORIGENS (INFLUÊNCIAS)
DA FESTA DO DIVINO**

¹Câmara Velha de Alenquer, <http://alenquertradepatri.blogspot.com/2007/05/divino-espiritosanto> - Consulta em 11/05 /2008 (Machado, 2009).

A Festa do Divino Espírito Santo brasileira tem influência portuguesa e está associada aos festejos realizados em épocas de colheita, que tinham como objetivo arrecadar e distribuir donativos para períodos de falta de alimento. Portanto, eram Festas fundadas na reciprocidade e na solidariedade, baseadas em relações de irmandades, que constituem na organização por meio de redes de parentesco e vizinhança.

Segundo Machado (2009), muitas são as versões, lendas e contos sobre a origem da Festa do Divino Espírito Santo. O historiador português Moisés do Espírito Santo afirma que a Festa teve origem na Antiguidade entre israelitas e hebreus e

ressalta que o culto do Divino se iniciou na Idade Média sem que estes dois rituais tivessem alguma ligação: *“A Festa do Divino é um eco das remotas festividades das colheitas. Já o culto ao Espírito Santo, sob a forma de festividade, no sentido que iria adquirir mais tarde, tem início na Idade Média, na Itália, com um contemporâneo de São Francisco de Assis, o abade Joaquim de Fiori (morto em 1202), que ensinava que a última fase da história seria a do Espírito Santo”*¹. A autora encontra referência a ligações entre as festividades da colheita e a festa em Portugal em documento do séc. XVII, do Arquivo dos Açores: *“As folias do Espírito Santo, conquanto pareçam ter tido uma*

origem pagã no druidismo, ou na superstição grega, todavia elas foram introduzidas em Portugal e nas Ilhas dos Açores com a maior devoção e piedade. Antes de estabelecidos entre nós os Impérios do Espírito Santo, tínhamos as folias denominadas do Bispo Inocente; as quais também foram solenizadas na França, e eram anualmente com esplendor festejadas em São Martinho de Tours. E posto que condenadas no ano de 1260, todavia ainda no século XVII as tivemos com grande pompa na Catedral de Lisboa” (Arquivo dos Açores, p. 183).

Outra versão aponta que a origem da Festa tenha se dado na Alemanha, como prática na dinastia Otoniana (936 - 1218 d.C.), seguindo para a França e depois se estabelecendo em Portugal. Autores como Walter Piazza (1953) e José Acúrio Ramos (1953) identificam manifestações em louvação ao Divino na dinastia Otoniana, assinalando a origem dessas manifestações nos Estados Germânicos (Machado, 2009).

Uma das versões mais difundidas sobre a Festa localiza sua origem na passagem do século XIII para o XIV, tendo sido instituída pela Rainha 'Santa' Isabel de Aragão, esposa de Dom Dinis, o sexto rei de Portugal, que estava em conflito com a Igreja Católica.

Segundo Etzel (1995), *“ao que tudo indica, a Rainha criou mesmo a modalidade de festividade do Divino que chegou até nós, o que não quer dizer que tenha sido a origem primeira do culto ao Divino”* (Etzel, 1995).

Perecin (2006) apresenta que a Rainha 'Santa' Isabel: *“refletindo sobre a promessa de nosso Senhor Jesus Cristo de que não deixaria a humanidade órfã e haveria de nos enviar o prometido Consolador, inspirou-se (...) a oficializar na cidade de Alenquer² o culto - já introduzido pelos franciscanos -, do Divino Espírito Santo e divulgá-lo junto ao seu povo”*.

Machado (2009) afirma que aparecem registros que levam a supor a realização de festividades em louvor ao Divino Espírito Santo anteriormente a 1280 promovidas ou inspiradas por franciscanos de tendência espiritual em Benavente. *“Os mesmos, que secundando o proselitismo de Santa Isabel, lograriam levá-la a patrocinar e, porventura, institucionalizar, nos inícios do séc. XIV tais festejos com um aparato nunca antes visto, o que terá contribuído para radicar a tradição, segundo a qual, sob a sua égide e de D. Dinis, se haviam originado”*. A Confraria do Espírito Santo de Benavente teria sido instituída com o compromisso de realizar as festividades

²As Festas do Império do Divino Espírito Santo terão nascido em Alenquer por volta do ano de 1323, tendo a iniciativa pertencido aos frades franciscanos desta Vila. Delas se diz que foram muito favorecidas pela Rainha Isabel de Aragão (Santa Isabel) e pelo Rei D. Dinis, já que à primeira se deve a edificação em Alenquer da Igreja do Espírito Santo e sua Casa, adjacentes ao Paço Real, que a piedosa Rainha haveria de transformar em Albergaria onde caridosamente acolhia viajantes e doentes que com suas próprias mãos tratava. Com o passar dos tempos as Festas ganharam projeção, mas por meados do século XVIII entraram em declínio, vindo mesmo a desaparecer. Em 1945 fez-se uma reconstituição histórica destas Festas e só em 2007 voltaram elas a marcar lugar no calendário religioso desta Vila, procurando, ano após ano, adquirirem cada vez mais brio e dignidade, nas suas vertentes religiosa e lúdica” (http://couraca.blogspot.com/2010_05_01_archive.html).

³ Paracletologia é o estudo do Espírito Santo (chamado por Jesus de Consolador), também conhecida como Pneumatologia.

do culto ao Divino Espírito Santo no ano de 1200 e que mais antigo ainda seria o compromisso da Confraria de Santa Maria de Sintra em Portugal (Machado, 2009).

Machado (2009) apresenta a teoria de Franco (2002) que defende a ideia de que o pioneirismo dos franciscanos de Benavente contraria a historiografia corrente que atribui à rainha Santa Isabel a fundação das festas do Espírito Santo, além das instituições de sociocaridade e espiritualidade ligadas a ela em Portugal. *“Estas ações seriam, antes, obras de devotos ligados ao franciscanismo espiritual que circulavam pela Europa. À D. Dinis e à rainha Isabel, deveria ser dado o papel de difundir e transformar as celebrações paracletianas³ em festas muito populares”* (Franco, 2002 in Machado, 2009).

Duas descrições de cronistas do Século XVII atribuem a fundação da Festa do Divino à Rainha Santa Isabel e ao Rei D. Dinis. Segundo D. Rodrigo da Cunha:

“No dia do Espírito Santo estava na Igreja de São Francisco, em trono debaixo do docel, o chamado Imperador, com coroa real na cabeça depois de a oferecer no altar, coroa que a mesma Rainha Santa Isabel doou para o tal ato: além desta coroa havia mais duas. O Imperador era

servido por pessoas nobres: e estando o sucessor do reino em Alenquer, era o Pajem que levava a coroa da Igreja do Espírito Santo para a de São Francisco. No sábado, véspera de festa, cercavam a dita Vila com um rolo de cera benta, desde São Francisco até a Igreja do Espírito Santo, vindo em procissão daquela para esta Igreja” (Hist. Eccl. da Igreja de Lisboa, Part. 2. Cap. 27 in Machado, 2009).

O frei seráfico Francisco Manuel Esperança descreveu com mais detalhes a Festa: *“No domingo pela manhã entrava na Igreja do Convento de São Francisco o que havia de servir de imperador, assistido de dois reis, e seguido de nobreza e povo, com três pajens, que lhes levavam as coroas (uma das quais era a que deixou para a festa a mesma Santa Rainha) e sendo estas oferecidas no altar, um Religioso com vestes sacerdotais coroava com estas aos três supostos monarcas, que assim coroados acompanhavam a procissão – À tarde saía o Imperador da Igreja do espírito Santo, com muitas festas, trombetas, e multidão de gente, com canas verdes nas mãos, e dois pajens adiante com a coroa, e outro com o estoque; e assim entrava na igreja de São Francisco. – O Sacristão aí dava ramalhetes a nobres, que dançavam com duas donzelas honestíssimas, que acompanha-*

vam o Imperador, na qualidade de Damas, a título de se lhes dar parte do dote para casamento. - Esta mímica era precedida de nova coroação: depois voltava o Imperador à Igreja do Espírito Santo, e lá depunha a coroa nas mãos de um Sacerdote – Nos dois domingos seguintes continuava a festa, e no último durava muito pela noite, e por isso se lhe chamavam domingo dos fogaréus, em consequência das luzes. – As vésperas eram soleníssimas, e depois delas se fazia uma aparatosa procissão, chamada de candêa, de quem a mesma Santa Rainha foi autora; e saía de São Francisco acompanhada de um homem com umas madeixas de cera, de que ficava ardendo uma ponta no altar, e o mais se estendia pela Vila até chegar na Igreja de Triana. – Determinou a Santa Rainha, que nesta igreja se enrolasse para servir nos ofícios divinos e missas; porém depois vieram a repartir a candeia pelas Igrejas da Vila, fazendo-se a procissão com a candeia adiante até a igreja do Espírito Santo, e lá se benzia a carne e o pão, que no dia seguinte se havia de gastar no bodo...” (Hist. Seraf. in Machado, 2009).

Moisés do Espírito Santo destaca a responsabilidade da rainha Santa Isabel pela institucionalização da festa do Divino em Portugal:

“Em Portugal, no séc. XIV, a festa do Divino já se encontrava incorporada à Igreja como festividade religiosa, segundo reza um velho pergaminho franciscano depositado na Câmara Velha de Alenquer. A responsável por essa institucionalização da festa em solo português foi a rainha Santa Isabel, esposa do Rei D. Dinis (1.279 - 1.325), que mandou construir a Igreja do Espírito Santo, em Alenquer. A primeira celebração do Império do Divino Espírito Santo, provavelmente influenciada pelos franciscanos, teria mesmo ocorrido em Alenquer, pois foi aqui que os mesmos fundaram o primeiro convento franciscano em Portugal. A partir dali o culto expandiu-se, primeiro por Portugal (Aldeia Galega, na época Montes de Alenquer, Sintra, Tomar, Lisboa) e depois acompanhou os portugueses nos descobrimentos, nomeadamente, no Brasil e nos Açores onde ainda permanece com todo o vigor, principalmente na ilha Terceira. Há 200 anos que as festas do Divino Espírito Santo foram interrompidas em Alenquer, e retomadas, apenas uma única vez, em 1945” (Jornal de Alenquer, <http://alenquer-tradepatri.blogspot.com/2007/05/divino-espirito-santo-oretomar-do-seu.html>. Consulta 07/08/2008).

Machado (2009) destaca que Azevedo

⁴Distribuição solene de alimentos, e, por extensão, de dinheiro e roupas, a necessitados (Maynard de Araújo, 1955).

⁵As Ordenações Filipinas, embora muito alteradas, constituíram a base do direito português até a promulgação dos sucessivos códigos do século XIX, sendo que muitas disposições tiveram vigência no Brasil até o advento do Código Civil de 1916.

⁶“A distribuição de comida por ocasião das festas não será um arremedo do milagre das rosas? Contamos a lenda que a rainha gostava muito de dar esmolas aos pobres. (Dão Diniz era pão duro, conforme a gíria atual). Ao redor do palácio sempre havia pedintes. O rei proibiu tanta prodigalidade. Certa feita, Isabel, carregando no regaço uma quantidade de côdeas de pão para distribuí-las aos pobres, topa com o rei. Este pergunta-lhe o que levava na abada. Levo rosas, responde a rainha caridosa. O rei quer ver. E vê rosas, rosas lindas! Do milagre das rosas, ou do panis gradilis da civilização de distribuir pão ao povo, esse potlatch das Festas do Divino?” (Maynard de Araújo, 1955).

(1983, apud Franco e Mourão, 2005), contradiz Cortesão afirmando que *“estes monarcas foram apenas reformadores de uma festividade bem mais antiga, cuja gênese se descobre na cláusula do próprio compromisso da confraria que mandava celebrar todos os anos um 'convite' ou bodos⁴ aos pobres, nos dias do Espírito Santo”* (Machado, 2009).

Em Portugal, a Festa de Pentecostes ou do Divino entrou para o calendário religioso e nas Ordenações Filipinas⁵, onde se resalta a presença de acompanhamento musical para os foliões do Divino (Perecin, 2006). Para Piazza (1953), as festividades do Divino Espírito Santo tinham o intuito de disseminar os fundamentos da instituição Igreja por meio da distribuição de esmolas aos pobres em épocas de falta de alimentos. Os festejos mantinham aspectos de realeza, uma vez que eram promovidos por reis. Outras versões sobre a Festa do Divino destacam semelhanças nos costumes da Idade Média. No entanto, ao mencionarmos a origem da Festa do Divino luso-brasileira, identificamos como marco inicial a iniciativa da Rainha 'Santa' Isabel.

Maynard de Araújo (1955) apresenta que em Portugal era hábito fazer vigílias nas igrejas e para passar o tempo mais depressa, havia comida a fartar. Em geral

a comensal terminava em orgia e por isso, foram abolidos os bodos do Espírito Santo, por ocasião do Pentecostes. *“Nas Ordenações Filipinas, Livro V, título 5, parágrafo 1.º, encontramos a permissão para os vodos do Divino. Esta lei esclarece que as festas do Divino eram com acompanhamento e música, como ainda se observa hoje em algumas partes do Brasil”* (Maynard de Araújo, 1955).

A Festa representa a descida do Divino Espírito Santo sobre os apóstolos e, na sua versão portuguesa, foi sempre celebrada cinquenta dias após a Páscoa, no Domingo de Pentecostes (revelação do Divino Espírito Santo, Atos, 2:4). O Espírito Santo - terceira pessoa da Santíssima Trindade - era festejado com banquetes e distribuição de esmolas aos pobres⁶. Esta Festa difundiu-se no mundo por meio das navegações portuguesas e é encontrada na África portuguesa, na Índia, na Ilha da Madeira, nos Açores⁷ e no Brasil. Transposta da Metrópole para as colônias, tornou-se parte das certezas anuais e fonte de esperança dos povos que a cultuam, mantendo as características sacroprofanas e se diversificando a partir dos povos cultuadores (Etzel: 1995). Machado (2009) afirma que *“com a expansão marítima do século XVI e a transmigração da cultura portuguesa e*

espanhola para as colônias americanas, o modelo festivo do mundo ibérico foi transplantado para as colônias americanas, por um lado celebrando o domínio instituído e o triunfo da igreja católica e do poder monárquico, por outro, germinando as ideias joaquimitas⁸ e cristãs. Dentre as festas instituídas nas Américas, a festa do Divino Espírito Santo Divino foi introduzida no Brasil, Estados Unidos e Canadá” (Machado, 2009).

O modelo ibérico da festa em sua estrutura foi estabelecido e conservado, afora as peculiaridades regionais em algumas festas, segundo Machado (2009). O modelo seria formado pela presença do Império do Divino (seu imperador e seu séquito), as folias, os cortejos dos devotos com as bandeiras, o levantamento dos mastros votivos e o vermelho, o branco e dourado das bandeiras (Franco, 2002 *in* Machado, 2009).

Quando o culto foi introduzido nas possessões coloniais portuguesas já havia decorrido quatro séculos de incorporações e transformações folclóricas na prática da devoção. *“Aquelas tiveram prosseguimento nos três séculos posteriores que nos intermedeiam aos tempos coloniais e podem ser qualificadas como um fenômeno natural, inerente à dinâmica das sociedades e suas manifestações*

culturais” (Perecin, 2006).

Tanto na Europa como na América o costume corresponde às festividades profano-religiosas para homenagear a terceira Pessoa da Santíssima Trindade, geralmente no Pentecostes. *“Os modos pelos quais os homens praticaram a sua devoção tem variado em tempo e local, explicando as diferentes manifestações, fossem na zona rural ou urbana, nas comunidades da marinha ou do interior. O que não mudou foi o quilate da fé no Consolador pelo forte apelo à promessa evangélica, gravada no coração dos cristãos, cerca de dois mil anos e jamais contraditada. Este tesouro, tão zelosamente conservado, a Igreja Católica sabiamente acalentou e orientou para a sua doutrina”* (Perecin, 2006).

A maneira de expressão da Festa varia em tempo e local e se manifesta de forma diferente, podendo ser rural ou urbana, marítima, fluvial ou terrestre: litorânea (encontro dos barcos é realizado no mar), fluvial (encontro dos barcos é realizado no rio) e rural (não há encontro de barcos).

No entanto existem elementos comuns que podem ser observados tais como: leilões, quermesses, distribuição de alimentos, celebrações, procissões e desfiles em que se fazem presentes a bandeira e a folia do Divino, torneios de

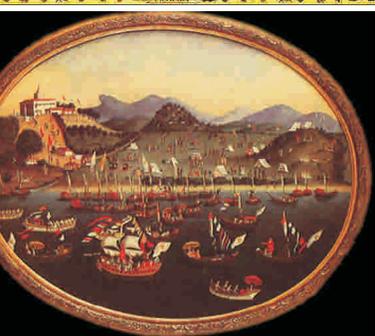
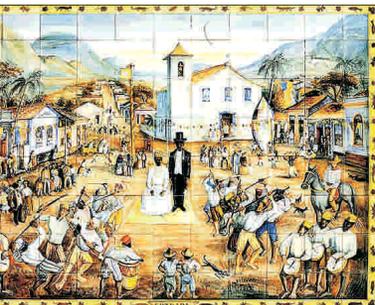
⁷Nos Açores a Festa do Divino Espírito Santo é reconhecida pela UNESCO como patrimônio imaterial da humanidade.

⁸Os Joaquimitas, Joaquinhas ou Espirituais foram um grupo que surgiu a partir dos franciscanos, seguidores do abade Joaquim de Fiore, o iniciador de um movimento heterodoxo no século XII, que propunha uma rigorosa observância da Regra franciscana. Suas obras dividem a história em três idades: a primeira foi a idade do pai, ou a idade da Antiga Aliança; a segunda foi a idade do Filho e do mundo do cristianismo; e a terceira idade e a final seria a do Espírito Santo. Nesta nova era um 'Evangelho Eterno' seria revelado 'cumprindo' e substituindo a igreja organizada, depois que a sociedade estivesse reajustada em uma base igualitária e utópica monástica.

cantadores e cururueiros. O costume de fazer doações materiais simbolizadas pela carne de gado e pelo sal é inspirado no pentecostes judaico (Perecin, 2006).



FESTIVIDADES DO DIVINO NO BRASIL



Fotos: Machado (2009)

Maynard de Araújo (1955) acredita que no Brasil se aclimatou a Festa do Divino oriunda mesmo da arqueocivilização. O Brasil nos fins do Século XVIII era colônia, mas já existia nas nascentes vilas e freguesias um Império... o do Divino, erigido por ocasião das festas que lembravam a descida do Espírito Santo - o Paráclito. *“As nossas cidades nasceram ao redor da igreja. À paróquia pertencia a coroa de prata, anualmente sorteada para coroar o Imperador do Divino, isto é, o festeiro, pessoa que tomaria o encargo da realização da festa. Festa de consumo, sempre após as colheitas”* (Maynard de Araújo, 1955).

Segundo Silva (2005), a propagação da Festa do Divino pelo Brasil teria ocorrido em três etapas: a primeira no século XVI,

junto aos primeiros estabelecimentos da costa e daí para o interior; a segunda, decorrente da imigração de casais portugueses açorianos para o Maranhão em 1619 e para Santa Catarina entre 1748 e 1756; e a terceira etapa, com a imigração individual ou de pequenos grupos de origem açoriana, até o século XX, principalmente no Rio de Janeiro e Niterói.. *“... no séc. XVII, já se alastrava por todo território, libertando presos em algumas regiões, com folias, procissões, o imperador menino, cavalhadas, leilão de prendas e autos tradicionais”* (Casculo, 2002; Silva, 2005 in Machado, 2009).

O culto ao Divino Espírito Santo foi trazido ao Brasil marcado pela razão e imaginação do Descobrimento do Novo Mundo: *“(..). Descoberta, conquista, colonização,*

aculturação da América... Complexo e ambíguo processo. Em igual medida guerra santa e espoliação, salvação cristã das almas de milhões de gentios e genocídio sem comparação com qualquer invasão territorial moderna. Princípio de um poder arcaico, definido pela sua crueldade e despotismo, e também ponto de partida da formulação de uma ética cristã da liberdade e do direito internacional de pessoas que antecipou os ideários modernos (...)" (Subirats, 1992, *in* Machado, 2009).

A Festa do Divino Espírito Santo, segundo Silva (2005), teria vindo com os portugueses que não compactuavam com os rumos políticos e ideológicos de Portugal, o absolutismo real, o capitalismo comercial e a Contrarreforma, trazendo o melhor espírito de Portugal:

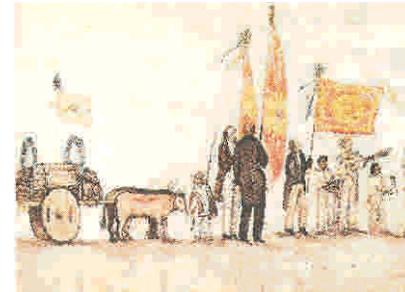
"Espírito presente, por exemplo, no fenômeno paradigmático do culto popular do Divino Espírito Santo, perseguido e proibido pela Inquisição e, por extensão, banido para as ilhas atlânticas e para o Brasil, aonde veio a se tornar, no caso das extensas e não facilmente fiscalizáveis terras brasileiras, o cerne de um catolicismo popular exuberante, colorido, festivo e profundamente mestiço, profundamente entrecruzado pelos legados culturais, africano e ame-

ríndio" (Pinho, 2007, *in* Machado, 2009). Este espírito de liberdade, para Machado (2009) foi marca da utopia do Quinto Império⁹, reelaborada no decorrer dos séculos, mas preservando as ideias centrais do mito de um paraíso com valores ecumênicos e universais, com união de religiões e etnias, espírito da fraternidade, justiça e de esperança configurando um catolicismo popular (Machado, 2009).

O catolicismo no Brasil se desenvolveu durante o período da Contrarreforma nos séculos XVI e XVII, diante do clima de medo criado pelas instituições do Santo Ofício, com valorização do aspecto formal em detrimento de seu conteúdo. Os rituais católicos deveriam ser expressos à semelhança de Portugal, camuflando manifestações afro-brasileiras frente ao tribunal do Santo Ofício. As festas religiosas e cívicas no Brasil colonial foram institucionalizadas para o "*exercício e cultivo das tradições religiosas do colonizador*" (Ávila, 1993, *in* Machado, 2009).

Machado (2009) destaca que a introdução da Festa ocorreu num contexto de negociação de valores e de representações culturais entre diferentes componentes étnicos da cultura, como: o colono de origem portuguesa, o escravo negro, o remanescente indígena e o elemento

⁹O Quinto Império é uma crença messiânica concebida pelo padre António Vieira no século XVII. Segundo o padre, os quatro primeiros impérios eram pela ordem: o Assírio, o Persa, o Grego e o Romano. O quinto seria o Império Português. Baseado nas escrituras Hebraicas (Antigo Testamento), no livro de Daniel, capítulo 2, Vieira veio a basear este mito num trecho, que narra a história do rei Nabucodonosor e do seu sonho.



Fotos: Machado (2009)

estrangeiro. No século XVIII, *“a festa colonial brasileira ultrapassou um espaço tradicional de discurso de poder, buscando concatenar, em seu lugar, um espaço de discurso de identidade cultural”* (Ávila, 1993, p.238 in Machado, 2009).

Assim, os Ritos das religiões africanas e ritos cristãos se misturaram em nome de uma democracia racial, mas *“a intolerância sempre foi grande, e os negros a fim de cultuarem seus orixás, acabaram relacionando-os aos santos da igreja católica”* (Moura, 1996, in Machado, 2009).

Os termos veiculados como 'profano' ou como 'grupos de folclore' atestam a consolidação da estrutura criada no século XVI como justificativa de sobrevivência perante o Santo Ofício. Assim, a festa do Divino permanece mantendo algumas manifestações de cunho religioso de origem africana como a Congada ou indígena como o Cururu, à margem da religiosidade. *“No entanto, apesar desta estrutura criada entre medo e liberdade, sob desinências estabelecidas, estes rituais passaram a fazer parte da festa do Divino, refletindo uma identidade cultural construída pela convivência entre as diversas etnias e religiões, assim como, pretendida na celebração da utopia do Quinto Império, aclamada em Portugal e*

revivida no Brasil” (Machado, 2009).

Machado (2009) destaca que esta simbiose material e cultural, conseqüente do processo de colonização, tornou-se característica desta Festa em todo território brasileiro. A Festa do Divino, em sua estrutura simbólica, manteve alguns rituais e incorporou outros de acordo com a região e a cultura de cada lugar. Apesar do processo de colonização ter sido marcado por violência e desigualdade, onde os colonizadores europeus buscavam reproduzir a cenografia europeia na América *“negando o que pudesse parecer novo, preferindo ver apenas o seu reflexo no espelho da história”* (Silva, 1972), as camadas populares sobreviveram ao futuro mal expressado neste processo, por meio de suas expressões culturais e de seus desejos de justiça (Machado, 2009). De acordo com Amón Pinho (2007), os elementos da Festa do Divino apresentavam uma imagem do futuro distinta do destino de desigualdade, violência e obscurantismo, que marcava a história do país num ato de fé e esperança em que: *“(...) o povo em primeiro lugar, e quantos já o viram ou de tal souberam jamais o poderão esquecer, que a figura mais importante no mundo é a de Criança, que do mundo se coroa Imperador (...); fé a Criança quem deve mandar em nós todos,*

primeiro para que nos dê alguma coisa de sua imaginação, de sua inocência, de seu contínuo sonho, de seu esquecer-se de tempo e de espaço, de sua levitante vida, e depois para que dela se desenvolva, sem que nenhuma qualidade se perca e muitas outras se acrescentem, um adulto bem diferente de nós, que tão brutos somos, em parte por desistências ou covardias nossas, em parte porque a vida ainda é uma violenta luta e algum deleite ainda nós tiramos de nosso triste papel nas referidas lutas. Posta a Criança em primeiro lugar, num penhor de que toda a nossa atividade a ela vai, como devia, ter por centro, para que para sempre desapareçam as crianças famintas, as crianças nuas, as crianças escravas, as crianças mártires (...), volta-se esse povo das ilhas, e de muitos pontos do Brasil, como outrora se voltava o de todo território português, para o que sofrem os adultos no mundo em que vivemos. A grande festa do culto, logo depois de coroado o novo redentor monarca, era e é o banquete geral, todo de comidas oferecidas, gratuitas (...); ninguém haveria com fome naquela idade nova, a do Espírito Santo que começava, todos teriam, por existir, o direito de continuar vivos. (...) ninguém deve haver no mundo passando fome, quer se trate da fome que significa não

comer mesmo, quer da fome de carências em proteína, vitamina ou gordura, quer da fome de abrigo, quer da fome de amor; que há para que tal se consiga sistemas econômicos que não se baseiam na concorrência, na exploração dos outros e no lucro individual, duramente, cruelmente conseguido” (Silva, 1972 *apud* Pinho, 2007, in Machado, 2009).

No Brasil o ápice do culto do Espírito Santo encontra-se no período colonial e atualmente é celebrado em diversas regiões do país com uma extensa variedade de versões que incluem a cultura regional. Destacam-se aqui as Festas de Pirenópolis - Go¹⁰, Ouro Preto - MG, Salvador - BA, Alcântara - MA, Manaus - AM, Paraty - RJ, Florianópolis - SC, Penha - SC, Itajaí - SC, Barra Velha - SC, Santo Amaro da Imperatriz - SC, Laranjal Paulista - SP, Anhembi - SP, Itu - SP, Itanhaém - SP, Jacareí - SP, Mogi das Cruzes - SP, Taubaté - SP e Piracicaba - SP. Esta manifestação pode ser considerada uma das práticas mais antigas do catolicismo popular e desempenham importante papel na conformação de padrões sociais locais (Silva, 2001).

A Festa de Pirenópolis - GO incorporou o ritual da 'Cavahada', introduzido no Brasil pelos jesuítas com o objetivo de catequizar índios e escravos, além do

¹⁰Em Pirenópolis - GO a Festa do Divino Espírito Santo é considerada desde 2008 como Patrimônio Imaterial Brasileiro e está incluída no Registro de Celebrações do IPHAN.



Fotos: Machado (2009)



Fotos: Machado (2009)

ritual dos Mascarados ou Curucucús; em São Luís do Maranhão a Festa é fortemente caracterizada por rituais afro-maranhenses, como o Tambor de Mina e por rituais católicos remanescentes do tempo da escravidão; no Rio Grande do Sul, a influência maior é da cultura portuguesa açoriana e da cultura alemã, devido à colonização da região; a Festa de Mogi das Cruzes acontece há pelo menos 300 anos, com auge na 'Entrada dos Palmitos' que relembra a época da fatura do palmito na região (Machado, 2009). No século XIX, a repercussão da Festa do Divino era tamanha que, na cidade do Rio de Janeiro foi cogitada sua escolha como símbolo nacional. Atualmente a devoção ao Divino Espírito Santo constitui-se em um dos mais marcantes centros das devoções populares em todo Brasil (Machado, 2009).

As Festas do Divino Espírito Santo ocorrem em várias cidades do interior e do litoral paulista como: Taubaté, Itu, Itanhaém, Mogi das Cruzes e na região de Piracicaba são encontradas em Anhembi e Laranjal Paulista. São Festas que não possuem ligações diretas, mas que possuem características comuns, obedecendo às particularidades locais, demonstrando a religiosidade profunda que é sustentada na região, permeando a

sociabilidade local.

Em São Paulo, desde o período da Capitania, o culto ao Divino Espírito Santo tem sido alimentado entre os cristãos pelo exemplo das gerações mais velhas, mesmo nos lugares mais distantes e desprovidos de assistência pastoral, com variações locais e regionais, intimamente relacionado aos ciclos da economia Agrária. *“Outros eventos importantes como Corpus Christi e as festas juninas, também ocorriam por ocasião da grande pausa, entre o término das principais colheitas e o segundo semestre, quando o homem produtor retomava as tarefas da pecuária, do preparo da terra e da sementeira. Todos guardavam relação sócio - econômico - cultural implícita ao calendário religioso, particularmente com a Semana Santa”* (Perecin, 2006).

Maynard de Araújo (s/d) destaca a importância social da pausa no calendário agrário, não apenas no sentido religioso, pois neste período havia tempo para visitar as vilas e cidades, rever os parentes e amigos, ter atividades de lazer e cumprir promessas, renovar votos e receber bênçãos do clero. As aglomerações urbanas recebiam então uma população que além de acelerar a economia local, criava transtornos nas vilas mais pacatas, levando inclusive à proibição de folias nas

práticas religiosas. Percin (2006) enfatiza que a Câmara Municipal de Piracicaba em 1865, da qual fazia parte o Presidente Prudente de Moraes, editou posturas contra as folias do Espírito Santo, por causa de vadios que se utilizavam das bandeiras e cantorias, abusando da superstição religiosa para cometer imoralidades.

Segundo Percin (2006) *“Não obstante, a Festa do Divino ou da Alegria Cristã decorria a meio dos mais sérios propósitos, repleta de novenários, tríduos, missas solenes cantadas, Te Deum e Procissões. Só perdia para a Semana Santa, quando toda a sociedade se mobilizava para a festa do sofrimento de Cristo e dos rituais da Paixão. Não deixava de ser a contraposição à dor pungente dos sete dias ferozmente observados, dos outros sete dias de alegria extravasadora, a dos corações iluminados pelo Espírito Santo”* (Percin, 2006).

A Festa do Divino é participativa onde se relacionam os segmentos da sociedade com a realização de leilões, quermesses, distribuição de alimentos, celebrações, procissões, desfiles e apresentações folclóricas. Para Percin (2006), a devoção de oito séculos anualmente renovada sobreviveu aos meios tecnologizados de diversão e comunicação de massa. *“O*

Divino Espírito Santo não é santo de procissão, nem de romaria. Não é santo de brancos ou de negros, nem mesmo santo padroeiro da cidade é. Na forma de pomba, fogo, neblina, nuvem ou vento, anuncia a chegada de um novo tempo através da propagação de seus sete dons: fortaleza, sabedoria, ciência, conselho, entendimento, piedade e temor de Deus. É a chegada do Império do Divino Espírito Santo, marcado pela partilha entre os homens, entre a terra e o céu: o Divino chega ao homem, o homem divino é. É santo mais de agradecer do que de pedir. Na verdade, é santo de festejar” (IPHAN, 2008).

No registro de Maynard de Araújo (1955) o autor destaca que *“No Estado de São Paulo conhecemos dois tipos distintos de festa do Divino: a realizada em terra e a no rio. Nos municípios, cujas cidades não são plantadas a beira de rio navegável, sai somente uma bandeira a pedir donativos pelos sítios, bairros rurais, distritos, seguindo as estradas e caminhos, parando nos pousos, revivendo a tradição. Nos municípios servidos por rio, saem duas bandeiras, e o clímax da festa se dá por ocasião do rio abaixo. Arrecadam prendas para o leilão: frangos, ovos, novilhas, leitões e dinheiro”* (Maynard de Araújo in Krähenbühl, 1955).



A FESTA EM PIRACICABA



Foto: Acervo Setur

Piracicaba está localizada na média Depressão Periférica Paulista, entre os paralelos 20° 30" e 23° sul e entre os meridianos de 47° 30" e 48° 10" oeste. A cidade se encontra a 152 km a Nordeste da capital do Estado de São Paulo e a 71 km de Campinas. Sua extensão territorial é de 1.368 km². A cidade tem 364.571 habitantes segundo dados do censo do IBGE de 2010 e lidera uma macrorregião que engloba 26 cidades.

As manifestações culturais em Piracicaba chamam atenção pela sua variedade. O

Batuque de Umbigada, o Samba Lenço, o Maracatu, o Samba de Roda, a Capoeira, a Festa da Polenta, a Festa da Cucagna, o Cururu e a Seresta, a Festa de São João de Tupi, Festa de Nossa Senhora Aparecida, Festa do Divino Espírito Santo, além dos Bonecos do Elias (em seu caráter de manifestação cultural móvel) e do Salão Internacional de Humor.

Impressiona como uma cidade que teve um crescimento populacional de aproximadamente 150 mil habitantes em 30 anos, passando de 210.568 habitantes

em 1980 para 364.571 habitantes em 2010, sustenta uma cultura popular tão potente. Além disso, Piracicaba se consolida como polo industrial por meio da instalação de novas indústrias multinacionais na cidade. Dessa forma, podemos dizer que Piracicaba se faz particular por manter um 'ar de cidade pequena' cultivando uma cultura popular assim tão evidente.

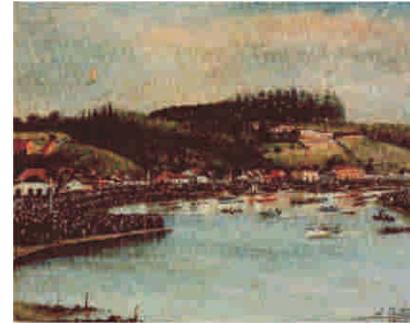
No médio Tietê, as Festas do Divino Espírito Santo podem ser encontradas nas seguintes cidades: Anhembi, Laranjal Paulista e Itu. São Festas que não possuem ligações diretas, mas que possuem características comuns obedecendo às particularidades locais. Essas Festas demonstram a religiosidade profunda que é sustentada na região permeando a sociabilidade local.

Em Piracicaba a Festa do Divino é uma das maiores manifestações do patrimônio imaterial da cidade. Atualmente é realizada na primeira quinzena de julho, tendo duração de uma semana. Durante a realização das solenidades do Divino Espírito Santo é promovido um grande número de eventos religiosos, festivos e econômicos, como por exemplo: celebrações de derrubada e bênção de barcos, celebrações das bandeiras, bênção das casas, tríduo solene, procissões, jantares,

leilões, salva de morteiros, festanças folclóricas (congada, cana verde, dança dos tangarás, cateretê) entre outras manifestações individuais e coletivas.

A Festa desempenha papel central na formação da identidade cultural local e pode ser considerada como patrimônio imaterial, pois envolve um sistema de produção e circulação de bens e dádivas baseados na reciprocidade que interferem em todas as dimensões da vida social local (Mauss, 1974). Além disso, proporciona um forte e constante diálogo entre o passado e o presente reunindo diferentes setores do catolicismo oficial e popular, o que demonstra seu caráter totalizante. Esta manifestação cultural atinge um universo mais amplo, possibilitando ao expectador despertar as forças culturais como extensões morais e simbólicas (Mauss, 1974). Além disso, com a festa se reproduzem estruturas sociais e se interagem identidades coletivas e individuais. Apesar das modificações sofridas no decorrer dos anos, a estrutura e os principais mecanismos sociais da Festa se mantêm. Um constante diálogo entre a Igreja, a Comunidade e o Poder Público é também mantido.

Segundo Machado (2009), muitas vezes a Festa do Divino de Piracicaba é veiculada como a mais antiga da região, embora a



Fotos: Machado (2009)
www.aprovincia.com

de Laranjal Paulista, que mantém pousos em Piracicaba, historicamente o início da Festa em 1810 (Machado, 2009).

O primeiro registro sobre a Festa do Divino em Piracicaba data do ano de 1881 em anúncio de O Diário de Piracicaba, sobre o evento. *“Encontro no Rio - O abaixo assinado, encarregado de promover os festejos do - encontro das bandeiras - que se realiza todos os anos, e querendo abrilhantar mais esta tradicional e popular festa. Pede encarecidamente aos moradores da Rua Direita e da Praia o favor de enfeitarem as suas frentes e assim os arcos do costume; previne que o encontro terá lugar no dia 7 do corrente as 4 horas da tarde, realizando-se em frente ao sobradinho. Desde já antecipa-se agradecido ao pedido que fez aos seus concidadãos. Piracicaba, 2 de junho de 1881. Honório José Libório”*.

Em outro artigo encontrado no mesmo jornal em 1947, há referência sobre a primeira festa do Divino no ano de 1816, como demonstramos abaixo:

“DIVINO - A primeira surgiu em 1816 na septuagésima pascoela. É que as folias do Divino são festas móveis. Ligam-se ao calendário Católico Romano e, especificamente à Hagiologia. A festa de Piracicaba não se iniciou na aquavia, dentro do rio. Era uma Folia escoteira, um bando

precatório, pedinte, que esmolava e pedia comida e Pouso. O Pouso é, então, uma consequência da Folia. Esta armava-se do Alferes da Bandeira, do folião (o violeiro), do recorrequista, do escoteiro, do triangulista. O Folião era mestre e muitas vezes o capitão. Seguiam os rumos e caminhos rurais interurbanos. Na cidade havia o bandeireiro-esmoler, sem conhecimento musical. Só com a bandeira e o sacolão. Em toda a Folia era portadora de Bandeira a folia de Reis, (6 de janeiro, Epifania); Folia de São Benedito (6 ou 8 de abril), etc. Esta era, pois, a organicidade da Folia do Divino de Piracicaba, seguindo-se-lhe, pois, o profano, evidentemente seu segundo aspecto. O bando precatório cumpria os ex-votos nas regiões ribeirinhas do Piracicaba, do Capivari, de Sorocaba, no século XIX eram áreas estupidamente endêmicas. Dava maleita em cerca de guarantã, a qual fechava o rossio, isto é a cidadela fortificada e protegida pelo capitão do mato, que aqui havia um pelotão deles. A Bandeira do Alferes, a palheta do Folião recebiam os ex-votos (as promessas), através de fitas, toucas, cédula, que se amarravam nas mesmas, pedidos escritos, etc. O notável é que a cor não tem significação cromática, mas o é tipicamente ritual. É por isso que

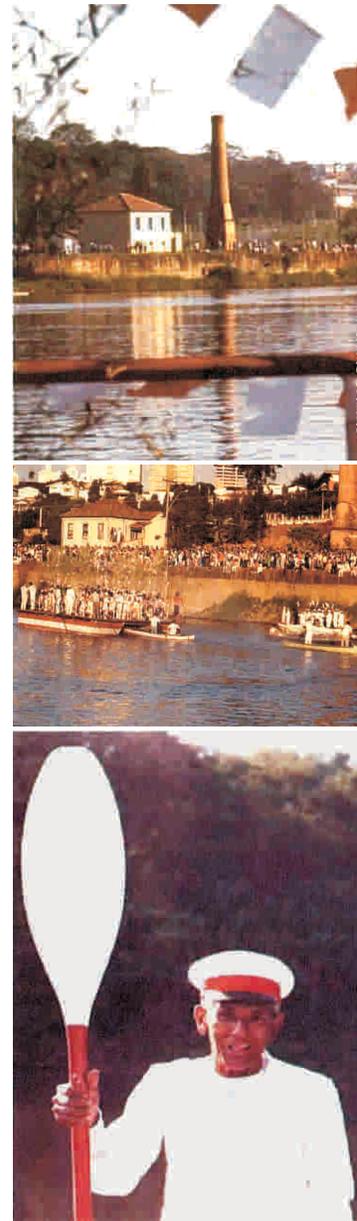
em uma Bandeira da Folia há alguns milhares delas. Das mais variegadas cores, no fundo ritos. A jovem que lança uma fita amarela na Bandeira, ela põe uma medida de seu desespero. E promete fazê-lo durante 20 anos. E em cada uma que comparece frente à mesma dá um nó, num modo de marcar quantas vezes já cumpriu o ex-voto e quantos anos, ainda, alta-lhe para completá-lo” (Diário, 1947, in Machado, 2009).

Machado (2009) defende que oficialmente foi adotado o ano de 1826 como sendo a data da primeira Festa do Divino, em virtude da presença do primeiro Encontro das Bandeiras promovido por Viegas Muniz, que passou a ser realizado no rio Piracicaba com o intuito simbólico de pedir a cura das doenças que afligiam os moradores ribeirinhos. A autora considera, pelos registros encontrados, que a Festa, mesmo que não acontecesse no formato atual ou de 1826, já ocorria como manifestação cultural e religiosa pelo menos desde o ano de 1816 (Machado, 2009).

Segundo Carradore (1997), o Encontro das Bandeiras na Festa do Divino surgiu na região do Médio-Tietê como costume para pedir a cura de doenças, para casos de malária, mal de Chagas, entre outras moléstias com grande incidência nessa

época na região. As curas eram agradecidas com viagens de canoas que percorriam as casas de toda a extensão do Médio-Tietê, levando orações. Os navegantes eram retribuídos pelos donos das casas com alimentos. A Igreja Católica se apropriou dessa tradição e passou a incluir novos elementos. No entanto a tradição popular e a mobilização da comunidade local nunca deixaram de ser protagonistas para a realização da Festa (Carradore, 1997).

Machado (2009) destaca que a Festa era originalmente realizada em dezembro seguindo o ciclo agrícola, à época da colheita. Depois, passou para outubro, junho e a partir de 1964, entrou para o calendário da Igreja, sempre nas duas primeiras semanas do mês de julho, cinquenta dias após a Páscoa. Entre 1966 e 1970 as festividades de cunho profano foram proibidas por ordem da Pastoral do bispo D. Aníger Maria Melillo, transferindo toda a Festa do Divino para a Igreja, por motivos políticos. A Festa foi retomada depois, em 1971, após vários atritos com a igreja católica, por movimentos realizados pelos devotos e festeiros da cidade que criaram a Irmandade do Divino. Na festa de 1971, a presença do padre foi substituída pelo capelão-leigo da Irmandade do Divino de Anhembi,



Fotos: Christian Diehl Netto
Spavieri
Acervo Setur

Venâncio Teixeira da Cruz, apontando para uma relação com as Irmandades da região, conhecida como Médio - Tietê. Segundo Carradore (1981):

“foi graças à sua capelania, que a festa do Divino pôde ser mantida separada da Igreja, muito embora, atualmente, seja evidente a presença da igreja e a ausência dos capelães” (Carradore, 2009).

Segundo Chiarini (1977) a *“festa de 1971 pois, retornou-se aos bambus com bandeirolas: fez-se a folia ao longo da rua do Porto e nos dois sentidos implantou-se o uso novamente de trabucos e a soltura de apenas de pombos brancos. Estabeleceu-se o critério dos Irmãos de cima, chefiando pelo alferes e os Irmãos de baixo ou do poço, liderados pelo capitão de mastro”* (Chiarini 1977)

Para compreender a evolução da Festa do Divino em Piracicaba destacamos diversos registros em jornais e cartas que relatam a Festa em diferentes épocas. A partir dessas descrições podemos ter conhecimento da dimensão histórica que a Festa representa, além disso, é possível identificar diversos elementos preservados ou não, no decorrer do tempo. No entanto, estes relatos carregam muitos aspectos morais da época. Podemos observar isto em um relato de 1890 no qual a missionária americana Miss Lida Howell, professo-

ra do Colégio Piracicabano e Metodista, registrou suas impressões a respeito da Festa do Divino Espírito Santo: *“Acabamos de passar pela 'festa do Divino Espírito Santo', que é comemorada no rio. Ela representa a descida do Espírito Santo. A procissão do povo, encabeçada pelo padre e seus acólitos, e acompanhada por uma banda de música, desfila pelas ruas decoradas com arcos de sempre-vivas para o rio onde as pessoas estão reunidas. O sacerdote e os acólitos entram num barco e os músicos em outro, e ao descer o rio, a música soa baixinho. A uma distância pouco abaixo da curva do rio, que pode ser vista da minha janela, eles encontram um barco remado por homens alegremente vestidos de vermelho e branco, aguardando para movimentar o barco onde o Espírito Santo está representado. Você pode imaginar como os homens representam a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade? Ore por essas pessoas enquanto você lê. É uma imitação de uma pombinha em um ninho de flores artificiais na parte superior da bandeira. A bandeira é vermelha para chamar a atenção de longe, para durante o ano, alguém mais zeloso para o ganho pessoal do que para o bem de seus semelhantes, adquire o privilégio de levar essa representação do Espírito de Deus de casa em*

casa, na cidade e no país, para ser beijada sob o pagamento de pequenas quantias de dinheiro. Quando os barcos se encontram por sua vez para o desembarque, entre o barulho dos foguetes explodindo, eles prosseguem para a igreja, onde se prega um sermão sobre o assunto. No dia seguinte, antes do amanhecer, eles começam com música, sinos e foguetes para anunciar a missa da manhã, e continuam até a tarde, quando formam uma procissão, e grupos de homens carregam as várias imagens, enquanto o sacerdote leva o 'Ostensório', perante o qual todos se ajoelham. A principal atração desta procissão é uma menina muito bem vestida, que representa a imperatriz, acompanhada por quatro outros de sua idade, que a cercam em um quadrado formado por fitas, e o que isso significa que não fomos capazes de entender. No regresso da procissão à igreja existe uma outra missa, um sermão e descarga de foguetes - e a festa de Pentecostes termina. Este ano, o padre melhorou a oportunidade de tentar mostrar a unidade da Igreja Católica, dando como razão que as pessoas não formam opiniões, ao passo que os protestantes que lêem a Bíblia e a interpretam por si mesmas são divididos em muitas seitas" (Howell, 1890).

O relato carregado de preconceito religioso é um documento importante para a compreensão da Festa do Divino em Piracicaba no final do século XIX, já na República. Muitos dos elementos ainda estão presentes e preservados na festividade e são facilmente reconhecíveis, porém a presença da Imperatriz mirim deixou de ocorrer, como se pôde comprovar na última edição da Festa.

Em 1900 Manoel Camargo publicou um artigo no 'Almanak de Piracicaba' em que descreve a Festa do Divino demonstrando que devido à proliferação de estrangeiros na Festa, ocorreu uma descaracterização dos costumes piracicabanos. Podemos observar no trecho a seguir:

"É antiquíssima a festa do Espírito Santo que se celebra sobre as águas do rio, em canoas. Consiste no encontro de duas bandeiras com aquele símbolo, uma que desce e outra que sobe. É uma festa original, muito pitoresca, não se levando em conta o seu lado religioso. As canoas são enfeitadas a caráter, os remadores vestidos à marinheira. A sinfonia é feita à viola, e no momento em que se encontram os dois bandos, rompe em terra a música, sobem ao ar mil girândolas, há no povo encordado na extensão do rio um verdadeiro frêmito de alegria. Hoje, com a avalanche de estrangeiros que não



Fotos: Doação Wanderley Bração - Arquivo Câmara Municipal de Piracicaba

tomam parte direta em nossos costumes, com a decadência da rua, e por diversos outros motivos, a festa do Espírito Santo chamada, não é nem tão concorrida, nem tão pitoresca. Entretanto não perdeu a sua originalidade e constitui a maior época para os habitantes daquelas bandas. Tem lugar a 12 de Junho de cada ano. A gente viajada direi que a rua do Porto em dia de festa é, mutatis mutandur; a Bahia de Botafogo, no Rio, em ocasião de regatas. Valha o símile” (Camargo, 1900)

Mello Ayres, em 1952, faz uma descrição detalhada sobre a Festa do Divino Espírito Santo de Piracicaba demonstrando diversos aspectos populares por ele observados na Festa:

“Estamos na semana da festa de Divino. Desta vez, o festeiro é Pedro Krähenbühl, piracicabano de tradição, pelo berço, pelo coração e pela pronuncia sossegada dos rr... Não obstante, abriga-se a um nome estrangeiro, que a cidade reverencia, como a honestidade precursora de nossa industria e do nosso progresso. Pois foi, servindo-se do trolinho da Oficina Krähenbühl - veiculo elegante de outrora - que a Noiva da Colina, esperançosa, venceu a rua do Comércio, apedregulhada e limpa, de ontem, para alcançar a Avenida Independência, asfaltada, de

hoje... Mas, falemos da festa do Divino. É a festa das reminiscências felizes. É a festa que ressuscita os feitos lindos de outrora. Fala-nos da alma cabocla. Quadros, cheios de colorido, que, na tela das recordações, em pôr-do-sol sugestivo, se desenhavam animadamente, nas fimbrias do horizonte longínquo e fugidio... E dessa festa, de cunho popular e de feição religiosa, o que de mais impressionante se grava no coração de toda a gente é o encontro das bandeiras, ali, no Piracicaba, à rua do Porto, onde nasceu a inspiração colorida dos Dutras. Um céu, vestido de azul, enche de alegria a terra piracicabana. O rio se enfeita de mil cores, por conta do sol. E a gente de Piracicaba, vinda de todos os recantos, se debruça à borda do rio, na circunspeção da roupa de festas; no multicolorido das blusas de seda e arminho da flor elegante da cidade; na cor viva do vestido da graça campesina. E da curva mansa do rio, como se surgissem da alvorada de um sonho, em toadas e preces, em movimento rítmico e uniforme, no alvoreço de remos que se cruzam, eis as canoas, pilotadas por pirangueiros, em uniforme branco. Agora, uma balsa, toda enfeitada, apinhada de gente, sacerdote, acólitos, festeiros - uma procissão fluvial - se desliza, cortando as águas, ao encontro das canoas... É o

coração de Piracicaba que se abre, em aleluias, na glorificação de seu passado. Dá-se o encontro! Foguetes cruzam-se no ar. A multidão aclama os canoeiros. A banda de música rasga-se num dobrado alegre. O padre abençoa os remadores, que conduzem a bandeira do Divino. O salto, além, revolve-se, em gargalhadas de turquesas e prata... O canoeiro modesto como que se transfigura no bandeirante, de porte enérgico! É um espetáculo de sugestiva tradição! É o rio Piracicaba, encanecido de espumas, a contar as proezas de que foi testemunha, como irmão de confidências do Tietê! É a cidade de Piracicaba a reler a sua história, na página inapagável do rio formoso! É a alma piracicabana, enfim, a cultuar, com fé, as cousas do passado. E a admiração pelo passado não tem sentido de retrocesso. Em nobre acepção, traduz o gesto de reconhecimento por aqueles que, vindos antes de nós, prepararam a civilização presente, a cujos postulados os de hoje estamos vivendo” (Ayres, 1952 in Jornal de Piracicaba).

O Dr. Luiz Gonzaga de Campos Toledo, médico conhecido como Dr. Lula, publicou o artigo 'Piracicaba do Passado: Festa do Divino em Piracicaba na década de 1910 a 1920' no Jornal de Piracicaba no dia do aniversário da cidade, em 1963,

onde descreve a Festa do Divino naquela época:

“Pelo ano todo o Nhô Antônio ia de casa em casa angariar donativos para o Divino. A bandeira era levada por um dos elementos da casa para que fosse beijada, e de volta entregava a mesma com o donativo. Angariava-se também dinheiro e animais. Comissões para esse fim eram designadas. Havia leilões antecipados. Uma verdadeira festa. No dia do encontro descia uma das canoas com os marinheiros vestidos de uniformes atraentes, e atraentes eram os uniformes do batelão. Na hora marcada, num batelão assoalhado, seguia rio abaixo, o padre e seus coroinhas, gente de posição e de destaque na cidade, e a banda de música. Muito foguetório de margem a margem. Povaréu pelas margens, que visto do jardim da cadeia, parecia uma muralha. Quando a canoa emparedava o batelão, o estrondo dos fogos era ensurdecedor. Fogos com desenhos, empoetisavam o ambiente. Muita alegria. Canoas esparsas iam e vinham a pulso para baixo e para cima no leito do rio, o que imprimia um quadro muito bonito; um quadro para pintor. Sobem o batelão e a canoa a pulsos dos seus remadores até alcançar o largo dos Pescadores, onde se organizavam a imponente procissão, que subindo a rua



Fotos: Acervo Setur e Arquivo Câmara Municipal de Piracicaba

Moraes Barros, se dirigiam à Matriz de Santo Antonio, onde era ouvido com muita cerimônia e imponência, o ofício religioso. Depois a entrega da bandeira ao novo festejo sorteado. À noite, no largo dos Pescadores, continuava a festança com leilões, cururu e desafios, que avançam pela noite até Do dia seguinte em diante, lá ia outra vez o Nhô Antônio de casa em casa cumprir a sua sagrada missão. Assim era a Festa do Divino naquele tempo em nossa Noiva da Colina” (Toledo, 1965).

Outro relato que destacamos aqui é a importante experiência de Dom Ernesto de Paula no ano de 1946. É possível observar nesta descrição que sempre houve uma preocupação da Igreja para que a cerimônia da Festa do Divino Espírito Santo de Piracicaba incorporasse cada vez mais elementos da Igreja Católica oficial.

“Em se aproximando a comemoração do Divino Espírito Santo, festa tradicional em Piracicaba, algumas pessoas - talvez imbuídas de idéias progressistas -, vieram alertar-me, dizendo que a cerimônia, tal como se processava, estava em flagrante contradição com as leis litúrgicas. Alegavam que, na referida ocasião, havia uma procissão de barcos no rio Piracicaba, onde se dava o encontro das bandeiras e

que era festa ruidosa, que atraía toda gente da redondeza. Assim advertido, julguei prudente não tomar parte ativa na primeira procissão. Desejava observar pessoalmente tudo, antes de me pronunciar a respeito, pois percebi que alguns estavam interessados em que eu proibisse aquela reunião. Por isso, no dia marcado, fui incógnito à beira do rio Piracicaba, como simples espectador. Fiquei em lugar escondido, mas de onde podia observar tudo. Minha impressão foi a mais favorável que se possa imaginar. Fiquei entusiasmado e achei mesmo uma coisa formidável aquele maravilhoso espetáculo. A procissão fluvial decorria num ambiente de grande respeito e fervor; os barcos, superlotados, enfileiravam-se, cada qual ostentando os seus ornamentos diferentes. Fiquei encantado e, ao regressar, externei minha impressão e apresentei sugestões para a próxima solenidade. Tratava-se, como disse, de uma procissão fluvial e o encontro das bandeiras do Divino dava-se na curva do rio. Exatamente nesta ocasião estouravam no ar os foguetes, enquanto a banda executava entusiásticos motetes, além de outras belas e sadias atrações. A festa era promovida pelos festeiros do ano em curso. A nomeação costumava ser feita na solenidade do ano anterior. Aos festeiros



Fotos: Arquivo Setur

- era sempre um casal - incumbia organizar a nova festa e por isso trabalhavam durante quase todo o ano na arrecadação de donativos: gados (bois) e tudo o mais que era necessário: Como é natural, havia entre eles uma louvável emulação: cada festeiro se esmerava em fazer tudo do melhor modo possível. No Sábado, vigília de Pentecostes realizava-se a procissão fluvial e as bandeiras, depois do encontro, eram levadas solenemente para a catedral, onde ficavam até o dia seguinte. No domingo de Pentecostes, logo pela manhã, havia distribuição de carne e sal para os que se apresentassem munidos de um cartão fornecidos pelos festeiros. Às 10 horas entrava a solene missa pontifical e, à tarde, havia procissão, depois benção, procedia-se a nomeação dos festeiros para o ano seguinte. É claro que o convite já havia sido feito, com alguma antecedência. Era muito disputado o título de festeiro do Divino. Como disse, no primeiro ano que passei na diocese, tendo observado discretamente a festa, acheia-a muito a propósito para afervorar o povo e bastante original. Por isso, não só aprovei a procissão fluvial como também - para espanto de muitos - apresentei sugestões, a fim de que se fizesse o cortejo com mais solenidade e com maior número de barcos. Nas seguintes, tomei parte ativa

nos festejos. Antigamente faziam a festa num Domingo qualquer de setembro, mas eu determinei que fosse realizada no próprio domingo de Pentecostes. Deste modo, íamos procurando afervorar os fiéis, trazendo-os sempre unidos às festas e cerimônias litúrgicas” (Dom Ernesto de Paula, 1979).

Estudioso da Festa do Divino, o sociólogo, etnólogo e folclorista piracicabano Alceu Maynard de Araújo também deixou um importante documento registrado no Almanaque de Piracicaba organizado por Hélio Morato Krähenbühl e publicado em 1955:

“... Em Piracicaba a grande festa se dá no rio, nas proximidades do Porto Velho... isso desde o tempo em que a Noiva da Colina era a Vila da Constituição. Ainda hoje o povo desce a rua Direita para assistir da margem esquerda ao espetáculo empolgante do Encontro, agora, sem aquele esplendor de antanho, embora o rádio e jornais convidem o povo e peçam que as indústrias e comércio fechem suas portas, para que haja grande assistência. A festa do Divino é de data móvel, de acordo com o calendário agrícola e aqui muito mais condicionada à época da baixa do rio. Nos lugares onde a festa do Divino é apenas uma tradição guardada carinhosamente, onde é quase que tão somente

A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DE PIRACICABA



*Fotos: Acervo Centro Cultural
Martha Watts - IEP*

uma cerimônia teatral como em Piracicaba, em geral prevalece o calendário religioso, isto é, o sétimo Domingo da Páscoa. Numa cidade industrializada como Piracicaba, se não fora a beleza do Encontro, já havia desaparecido ou se transformado radicalmente tão preciosa tradição religioso-profana. A mobilidade das datas acelera o desaparecimento das festas, que hoje são patrimônio de nosso folclore. O festeiro compete marcar a data da festa, geralmente em maio ou junho, por ocasião da baixa do rio. Só em 1944, devido à chuvas, ela foi realizada em julho. Em 1947, a festa que estamos descrevendo, foi realizada aos 24 de maio, um dia piracicabanamente ensolarado.

Em Piracicaba, ao contrário do que acontece noutros municípios paulistas, não há sorteio para a escolha do festeiro. Uma pessoa se oferece para realizar a festa. A condição sine qua non é ser católico-romano. Um festeiro poderá realizar uma só festa em sua vida. Não pode repetir.

Parentes de festeiro também não podem se oferecer para realizar a próxima festa. Caso um festeiro se ofereça, e se constate que é parente daquele que a realizou anteriormente, é destituído das funções. Aceita-se então, o oferecimento de outro.

O festeiro terá que efetuar muitos gastos. Em 1947, o padre cobrou, só para participar do Encontro, a importância de oitocentos cruzeiros. Rezas e procissão também são pagas. E há muitas despesas. Segundo nos informaram, aqui não há contabilidade do que recebe e do que se gasta.

Os participantes diretos da Festa do Divino, aqueles que saem no batelão e nas canoas são popularmente chamados Marinheiros. A uniformização dos marinheiros hoje é diferente. Militarizou-se. A antiga chechia vermelha de zuavo, tão do gosto dos nautas portugueses, se transformou em quepe. A camisa branca de golões e punhos azuis se tornou em dolman de meganha. Os remeiros agora são marinheiros e usam sapatos, coisa que os irmãos da canoa da irmandade do Divino, em tempos idos, não usavam. Era pecado usar. Somente o vermelho da bandeira é que não foi mudado, pois são as cores do Divino, embora o vermelho seja hoje cor perigosa. O número de barcos diminuiu. Hoje do Encontro participam quatro barcos apenas: a Balsa do rio-acima e três batelões do rio-abaxo. O pouso hoje tem apenas a função de ponto de encontro dos participantes dos barcos do rio abaixo, nem é casa de moradia, é apenas uma venda, onde se



Fotos : Doação Teresa Catini -
Acervo C.M.P.
Acervo IHGP
Doação Itamar - Acervo
C.M.P.

reúnem os marinheiros. Ali aguardam a hora de remar rio acima. Bons tempos aqueles, quando no último pouso a gente passava a noite ferrado num Cururu! Pela manhãzinha, os agradecimentos de poso. A folia com o alferes da bandeira, o caixa, o triângulo e eu na viola, cantávamos o 'Deus lê pague a boa esmola, dado de bão coração, no reino do céu se veje o sinhô e sua geração'. Bons tempo... suspirou o violeiro, apertando cravelha do canotilho de sua viola. Era um mochinho. Sabem que a mais piracicabana das violas paulistas é o mochinho? É genuinamente barranqueira!

As 16:30 horas descem todos os marinheiros do rio-abaxo para a barranca da margem esquerda do rio Piracicaba. Piracicabano é barranqueiro. Tomam lugares nos três batelões. No primeiro, próximo à margem esquerda, vai a bandeira do Divino na proa do barco capitânea, segura pelo sr. José Julio Fischer, chefe dos marinheiros, com as divisas de sargento no braço. Sincretismo religioso-militar. Neste barco também está a Folia, organizada na hora: Barbosão na viola, Barbosinha cantando e Zé Felix no pandeiro. Oito remadores e o popeiro. O barco vai pesado... ainda mais com os noventa quilos do pesquisador de folclore! No segundo vão cinco remeiros,

popeiro e fogueteiro, este vindo de Pereiras, especialmente. Já não usam mais o trabuco e sim rojões. No terceiro barco, seis remeiros, popeiro e dois meninos de branco cumprindo promessa. Já os remeiros não sobem remando e cantam a serenga. Tradição que se foi e que ainda existe em Tietê e Anhembi.

A partida dos barcos foi dada por meio de um sinal de rojão, ordenada pelo festeiro. Sobem os marinheiros do rio-abaxo, remando sob o comando de José Julio. Ao primeiro apito (é um apito feito chifre) arvoram os remos, deixando-os na posição horizontal; ao segundo cruzam em cima e ao terceiro principiam a remar. A Folia do Divino, já sem triângulo e caixa, apenas com viola e um intrometido pandeiro, sem tiple e contralto, apenas com a primeira e segunda vozes, vai cantando. A toada já não é o quase cantochão das melodias da folia do Divino, nela já existe muito ritmo do cururu. E Barbosinha canta. É um bom modinheiro. Seu canto é bonito, e os versos são do repente. E o repentista dá-nos uma descrição do Encontro:

*'O Devino Espírito Santo
nesta bandêra sagrada
vem vino de casa em casa
visitá nossas morada.*

*O Devino tira esmola
mais num é de percisão
êle vai de casa em casa
experimentando os coraçãõ*

*O Devino pede esmola
mais num é de percisão
êle chega em toda casa
prá dá sua bençãõ.
Agora que eu canto dereito,
vô fázê tudo bem feito,
vô deixá na ôtra mão.*

*A nossa linda irmandade
rio-acima vai subino,
cum gosto e satisfação,
pra acompanhá nosso Divino.
Vô subino rio acima,
devagá eu vô chegano,
entregá nossa bandêra
prô festêro deste ano.*

*Ai, meu amigo Zé Félix
mêce preste bem atenção
nossas hora tá chegada
em cima do batelãõ,
por isso eu canto pra você
pois eu quero escrarecê
o que é ruim e o que é bãõ.*

*Debaixo vai subino os batelãõ
com os remo tudo trançado,*

*o Zé Fiche na bandera
que é o comandante da esquadra
dos marinhêro que ta embarcado,
e o Barbosinha e o Barbosãõ,
em todas ela tem remêro
na do meio o foguetêro
que ta sortano os rojãõ*

*É só rojãõ que sobe pro ar,
que faiz grande exprosãõ,
e nas margens do rio
gente vê a povoaçãõ,
e muitos devoto ajoeiado
que tão ficano sussegado
por cumprí a devoçãõ.
Avistei a barca de cima,
como vem carregado.*

*Lá vem a barca de cima
com padre e o fêstero
que bonita procissão,
encontrará cum os que vai debaixo.
Ai no barco dos folião
desesperado,
ai, este home dá valo
pra este cantado,
que anda pra todos lado.*

*Ai, o padre está benzeno,
ai, o nosso rico povoado,
toda nossa povoaçãõ
que está na bêra do rio
com grande sastifaçãõ,
está benzeno o povoado,*

*tão alegre e sussegado,
com grande devoção.*

*Amigo Zé Félix, ai,
o barco vem balanciando,
é só rojão prô ar,
que estora de tudo lado,
cumprino côa devoção,
devoto que é batismado. (*)
O Devino está na frente,
Amigo Zé Felix diga,
sí num ta acertado?'*

**(batismado = batisado)*

*Do rio acima desce a balsa. No tablado
flutuante vêm autoridades eclesiásticas
(três padres e um capuchinho), civis e
militares. Também a banda de música
ituana, garbosamente uniformizada. O
festeiro, mordomos. Num altar a bordo,
está a coroa de prata.*

*A balsa só poderia estar enfeitada com
bambus. Folclore paulista sem bambu,
não é brasileiro. Acreditamos que o
bambu faz parte integrante de nossas
festas tradicionais bem paulistas. Os
quatro bambus verdinhos da silva, presos
nos quatro cantos do palco flutuante,
cruzam em cima, e na cúpola, a doirada
pompa do flamejante Divino. Um pano
vermelho em volta da balsa, que é*

*acionada por varejões de bambu maneja-
dos pelos 16 remeiros do rio-acima.*

*A distância entre as três barcas que sobem
e a balsa que desce cada vez se torna
menor. Na margem direita o fogueteiro
risca o palito de fósforos e atea fogo no
estopim da bateria. Dá-se o Encontro. O
estopim comunica fogo às bombas que
estromdam ensurdecedoramente. Ressoa
o Hino Nacional Brasileiro! Soltam
pombos. Os devotos que apinham a
margem esquerda do rio Piracicaba,
ajoelham, persignam-se e pedem benção
ao Divino. Espoucam rojões. Só isto que
ficou e não se modificou das festas,
festações e festarias do passado.*

*A secularização tem sua cabeça de ponte
no festejo, no comércio que se faz nessa
ocasião solene: há um batelão todo
enfeitado, cujo dono cobra Cr\$ 2,00 por
pessoa. O que rende... não será em
benefício da festa, mas do sabido que
proporciona tal passeio de barco aos
ádvenas, pois piracicabano que se preza
não entra neles... é pecado. Pecado contra
a tradição - esta linda tradição piracicaba-
na. Uns mocinhos bonitos atrapalham,
com as marolas de seus barcos-motores, a
beleza tradicional da festa. Onde se viu
motor em festa de varejões e remos? ...
Em festa de jacu, inhambu não pia...
As canoas e balsas encostam no Porto*



Fotos: Acervo Centro Cultural
Martha Watts - IEP e
IHGP

Velho. O povo procura beijar a bandeira que veio do rio-abaiixo. Está pesadíssima, são milhares de fitas amarradas no seu topo - as promessas. As fitas brancas são as das noivas e namoradas. Há muitos nós atados nelas. As mulheres querem se casar... e cedo é melhor... por isso um nó bem apertado.

Forma-se a procissão, que segue atrás da bandeira. Sobe a antiga rua Direita, hoje Morais Barros, toda enfeitada de bambus. Dirige-se para a igreja. Houve um padre que não era amante da tradição e proibiu a entrada dos remeiros na igreja. Padres e delegados de polícia, quando não são esclarecidos, atrapalham muito as manifestações públicas de nosso folclore, matam a tradição. Na igreja termina a festa do Encontro, geralmente realizada aos sábados. Há reza. Ao finalizá-la é entregue a bandeira ao novo festeiro. Nosso folclore é por excelência alimentar. À noite, no Teatro Santo Estevão, porfiarão os cururueiros convidados pelo festeiro para abrilhantar a festa do Divino Espírito Santo. Nesse momento teatro, os cururueiros do Centro de Folclore de Piracicaba, em noitadas memoráveis, organizadas pelo poeta João Chiarini, também porfiam. Ali pode-se ouvir um Antônio Vilanova - o Condoreiro do Cururu Urbano ou um João David -

Salmista do Cururu Rural.

Nessa noite porfiaram os cururueiros brancos versus os de cor. Serviu de Pedreste o cururueiro Lazinho Marques. O Cururu, que era dança só de caboclos, hoje urbanizando-se o é também de gente de cor. Dois pretos batutas cantaram nessa noite - João David e Pedro Chiquito. Enfrentaram dois brancos cueras - Sebastião Roque e Zico Moreira. Foi um lindo espetáculo que durou até ao romper do dia. O pedreste entrou cantando:

*'Ai boa noite meus sinhores,
minha destinta povoação,
ai meu prazê nunca se acaba,
povo de Piracicaba,
em cima deste parco se acha,
Lazinho Marque,
cum prazê no coração...'*

No domingo, às 16:30 horas saiu imponente procissão encerrando os festejos. À frente, crianças de branco. Depois os marinheiros formam duas alas. Alguns com uniformes já sujos. No centro cinco meninas, com uniforme de marinheiras, carregando a bandeira do rio-abaiixo. A seguir um casalzinho de crianças, filhos do festeiro, com ricas roupas, corregando [sic] uma almofada finíssima, sobre ela a



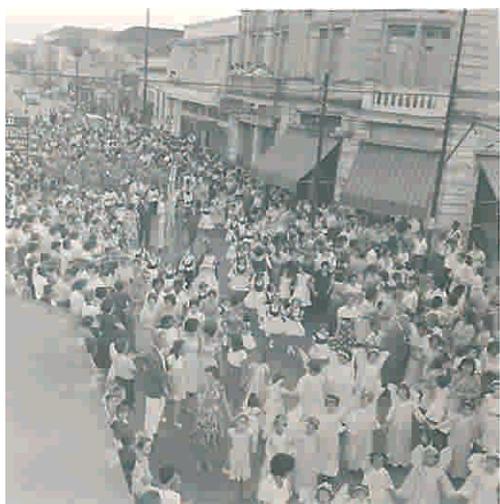
Fotos: Acervo Setur

coroa de prata do Imperador do Divino. Da almofada saem fitas, cujas pontas são seguras pelos pajens que estão atrás. Estes eram sete meninos vestidos de camisa branca, calção de veludo vermelho, gorro e penacho da mesma cor. Lindo e rico espetáculo de indumentária e cores. A seguir o andor do Divino carregado por quatro marinheiros, ladeados pela irmandade de São Benedito. Atrás um séquito de anjos. Como dá anjos em Piracicaba!!! Festeiro e senhora carregando a rica bandeira do rio-acima. Sob o pátio, dois padres. Entre o povaréu e o pátio, a Banda de Música com seus dobrados festivos. Começa a anoitecer. Cai a tarde tristonha e serena, num macio e suave languor lá bem distante, porque aqui na cidade, tudo é alegria e festa. Recolhe-se a procissão. Vem a reza. E acabou-se o que era doce, quem comeu arregalou-se, Assim é a Festa do Divino Espírito Santo em minha querida cidade natal” (Maynard de Araújo, 1955).

João Chiarini (1961), outro importante folclorista estudioso das tradições piracicabanas, também destacou a Festa do Divino em seus aspectos mais relacionados com a cultura e a tradição popular piracicabanas:

“A mais remota é a Festa do Divino ou Folia do Divino ou Encontro das Bandeiras

ou Império do Divino. Assim falam os seus militantes, sem qualquer distinção em sua estrutura, em sua organicidade. É a linguagem autêntica, pura e saborosa de seus militantes. É a fala caipiracicabana (o neologismo é nosso), ribeirinha, doce, mas nunca barraqueira. A que se faz em Piracicaba data de 1826. Nasceu como cumprimento de promessa (ex-voto). Os ribeirinhos agrupavam-se na faixa esquerda do rio abaixo, à procura de prendas em espécie, dinheiro da época, aves e animais. Levavam na descida e traziam, na subida, uma Folia. Constituída esta do bandeireiro, violeiro, caixista, adufeiro e triangulista. Junto a isso, o esmoler ou tirador de esmolos. Saíam no mês de maio e regressavam em maio do ano seguinte. Isto porque, sendo a Festa do Divino incorporada ao mundo católico, evidentemente deve ser efetuada na quinquagésima da Pentecostes, ou certamente no 7º domingo após a Pascoela. Anunciavam a sabida (rio acima) através de ronqueiras, trabucos e mais posteriormente rojões. Aqui, a presença do folclore cósmico. Numa das canoas, vinha a Folia do Divino. Bandeira à frente, no seu planejamento violácio, a pomba branca com vidrilhos dourados e centenas de ex-votos. No topo, outra pomba. Nunca uma arara, um papagaio. A pomba não



Fotos: Acervo Centro Cultural
Martha Watts - IEP

elimina o fel, pela ausência de glândulas supra-renais. As fitas das mais variegadas cores não representam cromática, porque a cor no folclore é ritual. Uma fita amarela traduz desespero, uma azul representa ternura, uma branca, paz etc. O grupo que descia o rio chamava-se Irmãos do Pouso, Irmãos do Rio abaixo. Solicitavam guarida através de música primitiva, mas hipnotizante e inédita nas paragens onde abordaram. O grupo criou afinações especiais na viola: rio abaixo e o rio acima. Características daquela 'festaça'. Posteriormente, incluídas em vários folclores musicais. A indumentária dele diferia do outro bando, sem precatória – o dos Irmãos do Divino. Descalços ambos os grupos, calças brancas, estreitas no cano, blusas brancas (as túnicas vieram depois). Cintão azul para os do Divino, vermelho para os de baixo. Na cabeça, o gorro português, com ponta longa e, caída, bolotas respectivamente azul e vermelha. O grupo de baixo levava trem de cozinha e utilizava-se das oferendas solicitadas no petítório. Na aguavia, servia-se de canoas (depois surgiram os botes, as barcas). Quando encontrava corredeiras, saltos e itaipavas, é que acostava e arrastava pelas margens peças enormes, cavadas a fogo. No petítório, a fóllica tocava e dançava em roda gera, contra a marcha dos ponteiros

do relógio, instintivamente pela posição do meridiano brasileiro. Os aglomerados ribeirinhos, ao longo dos cursos do Piracicaba e do médio Tietê, eram católicos por tradição. Então, não se conhece na história dos pousos qualquer negativa ao que se lhes solicitava. De pouso em pouso, os irmãos de baixo cobriam quilômetros, levados pela ação dos varejões, pacas coloridas de bambu, tendo pontão de ferro na extremidade mais grossa. Eram atirada, n'água pela proa, empunhando-os, corriam barco a dentro até a ré. Os varejões cançavam de 6 a 8 metros, muito polidos, cortados à sombra, cortados na lua certa. Senão o caruncho acabava com eles. Paca anfíbia. Vivia n'água e na canoa. Jamais lenhava, isto é, abria, estourava. Logo que era ouvido o espocar dos trabucos, das ronqueiras, formava-se no rio acima o grupo dos Irmãos do Divino”

Carradore (1978) em 'Memória da Festa do Divino' revela que Viégas Muniz teve a ideia de promover o encontro das bandeiras no rio no período do centenário da Festa do Divino:

“Os festeiros da Igreja, ou Comissão da Igreja, seus auxiliares, o alferes da Bandeira e os mordomos não mais recebiam a Folia do Divino em terra, mas na água, no primeiro cortejo no leito do

rio. (...) O encontro no rio, além de visual, trouxe novos elementos: do largo da Igreja Matriz, partiam os arcos de bambu, cheios de bandeirolas, em ambos os lados dos passeios, prolongando-se até o Pouso dos Irmãos do Rio-Abaixo, na altura da ex-olaria Elias Cecílio. Permitiu o Encontro, que a procissão do Divino, ou Comissão da Igreja ou ainda Império do Divino - no caso, os festeiros, alferes e mordomos - o padre, anjos premiados, com saquitéis .de doces e balas - penetrassem no canoão, ou barcaça, ou ainda batelão. Os canoões eram os do tipo dos monçoeiros, de uma peça só, compridos, escavados ao braseiro e os seus interiores melhorados com enxó. Não tinham proas, nem réis. Tudo embicado. Sobre esse, montavam-se tabladados, com cercados, ao centro o mastro e ao alto a pomba branca do Divino, descendo-se os cordéis com bandeirolas. (...) Foi no começo deste século que se incorporou a Corporação Musical ao batelão. Com a barcaça, os Irmãos do Divino ou do Rio-Acima alteraram a sua túnica e a chéchia. Eram azuis e a chéchia¹¹ tinha gola e os frisos dos punhos na cor branca. Os irmãos do Pouso ou do Rio-Abaixo, tudo em vermelho sobre o branco. Nos primeiros Encontros apresentavam-se descalços. Dessa fase restam os remos de palas brancas, tendo um desenho da pomba em

vermelho. Os cabos, também em cor vermelha. Na véspera da septuagésima da Pascoela, sempre um sábado, dava-se o Encontro das Bandeiras do Divino, a dos irmãos precatórios, com a Comissão da Igreja. É claro, com uma tremenda foguetaria em terra. Com a transposição para o leito do rio, cuja motivação principal foi a promessa de diminuir as doenças palustres, alguns irmãos do Rio-Abaixo, logo após a nova Comissão da Igreja ser nomeada, mais a folia do Divino, desciam o rio Piracicaba aportando em Corumbataí, distrito de Santa Terezinha; Ártemis, ex-porto João Alfredo; Barra Bonita, no rio Tietê, às vezes à extinta Itapira. Regressavam por ocasião do Novo Encontro, anunciando-se através de tiros de trabucos, cujos estampidos se ouviam a distancia considerável. A população maciça, a Comissão da Igreja, e os Irmãos de Cima sabiam exatamente do dia por ser móvel - o último sábado de maio, ou o primeiro ou segundo de junho" (Carradore, 1978).

Carradore (1978) continua a descrever a Festa na primeira metade do Século XX: "A comissão da Igreja perdeu nome em 1929, passando a ser chamada de Festeiros do Divino, até hoje. (...) Nos anos [19]30, os frisos azuis não são mais vistos nas vestimentas, mas tão somente os

¹¹O chéchia, chapéu de lã vermelho que serviu de suporte ao turbante a partir do século XIII, mas que se transformou numa peça de vestuário independente é emblemático da personalidade tunisiana. A técnica de fabrico artesanal foi levada para o país pelos refugiados andaluzes no século XV, que a transformaram numa exclusividade de Tunes e na sua principal fonte de receitas no século seguinte. Cada chéchia implica, pelo menos, o trabalho de 12 pessoas e a utilização de outros tantos utensílios. O processo divide-se em diversas fases, tanto no interior como no exterior dos souks, ao longo de um mês. São as mulheres que cardam e tricotam a lã, em suas casas, e que cosem as etiquetas e as bandas de seda, enquanto os homens modelam e voltam a cardar o chéchia nas oficinas. Podem ser adquiridos nos souks, em especial no de Tunes. (<http://www.rotas.xl.pt/0604/860.shtml>).



Fotos: Arquivo C.M.P.
Doação Itamar - Arquivo C.M.P.

vermelhos. João Pense (João Pica-Pau), Thomaz Pense, Sebastião Barboza (Sebastião Negrinho) e João Bueno varejavam o batelão com nome, agora, de *Marinheiros do Divino*, mesmo sendo *Irmãos de Cima*. (...) O cururu foi introduzido na Festa do divino por Mário Lordello, que em 26 de março e 16 de dezembro de 1933, organizou-se no pavilhão de patinação que a cidade mantinha na época, denominada 'Meu Rinque'."

O autor expõe também a festa na década de 1970, inclusive destacando novidades ou alterações em comparação às festividades do início do século XX:

"Em 1972, numa sexta-feira, o leilão no Largo dos Pescadores, ex-do Porto, foi feito no salão de festas do Clube de Regatas de Piracicaba; e no domingo daquele ano, o tempo foi reservado para festas; *Folia do Divino*, *Cateretê*, *Cana-Verde*, *Samba-Desaño*, *Samba-Lenço*, *Samba-roda*, *Congada*, *Dança do Tangarás*, *Batuque*, *Arrasta-pé* e *Modas de Viola*, organizada pelo Centro de Folclore de Piracicaba e pelo Grupo Folclórico do Tote (Antonio de Pádua), um dos *Irmãos de Cima* por mais de 35 anos. (...) A *Corporação Musical* que ficava no batelão foi posta em lugar fixo, juntamente com o público. (...) Com o Bispo

Diocesano D. Ernesto de Paula, a Festa do Divino foi levada para o mês de outubro, durante vários anos, depois retornou para setembro. Foi D. Aniger Francisco Maria Melilo, o II Bispo Diocesano, quem trouxe a festa para a data exata. (...) Estabelecida a Irmandade do Divino Espírito Santo, em 1972, começaram os preparativos para a concretização das festas, o que ocorreu em 14, 15 e 16 de outubro, com festeiros escolhidos no próprio bairro do Porto, sem quaisquer incômodos às autoridades religiosas. Como se não contava com padre, este foi substituído pelo capelão-leigo Venâncio Teixeira da Cruz, da Irmandade do Divino de Anhembi, que além de violeiro-centurião, é puxador de terço no levantamento do mastro do Divino, encimado pela pomba vermelha em fundo branco. Junto à Casa do Povoador há um cruzeiro. No domingo à tarde ali reúnem-se todos os *Irmãos*, os novos festeiros, que ao final do terço, recebem a Bandeira do Divino e mais cartuchos de flores, estes reciprocamente: os novos para os que se despedem e vice-versa. Forma-se a Procissão do Divino, laica, em longas filas de marinheiros e marinheiras, os festeiros, a Irmandade, que conduzem os escolhidos à sua residência, ao som da Banda União Operária.

Na noite de sábado há um cururu (não a cana-verde, nem fandango) que entra pela madrugada” (Carradore, 1978).

No ano de 1999 o jornal 'A Tribuna Piracicabana' publicou artigo em que descreve sucintamente a Festa do Divino daquele ano, no qual é possível notar diversos aspectos semelhantes aos observados em 2011:

“A Irmandade do Divino Espírito Santo de Piracicaba iniciou, no último final de semana, uma tradição mantida há 173 anos: a Festa do Divino de Piracicaba. Com apoio dos Festeiros Wilson e Lucy Louvadini, do capelão Padre Cândido Aparecido Mariano e do pároco Otto Dana. O Largo dos Pescadores foi palco de várias missas e bênçãos dos barcos no Rio Piracicaba, seguida de salva de tiros e morteiros. Até quarta-feira, sempre às 13 horas, haverá visitas e bênçãos nas casas da Rua do Porto, além de Tríduo Solene em louvor ao Divino Espírito Santo, com missas às 19:30 horas. A Festa do Divino de Piracicaba prossegue com sua programação durante a semana. Na quinta-feira (8), novamente haverá jantar (leitoa e frango assado, cuscuz, etc), e atrações musicais. Na sexta-feira (9), leilão, com valiosas prendas e participação de banda musical. No sábado (10), das 11 às 14 horas, almoço, onde estarão sendo servidos

arroz, macarronada, salada, frango assado, cuscuz e leitoa, no Salão de Festas. Às 15 horas, grandiosa procissão do Divino Espírito Santo. Em seguida, no Rio Piracicaba, tradicional Encontro das Bandeiras, com revoada de pombos, salva de morteiros e Missa do Divino Espírito Santo” (A Tribuna Piracicabana, 06/07/1999).

Em 2000 o 'Memorial de Piracicaba: século XX' de Cecílio Elias Netto, no qual há diversas descrições da cidade de Piracicaba no decorrer do século, há também sobre a Festa do Divino Espírito Santo de Piracicaba, que destaca os elementos da Festa que se modificaram com o passar dos anos: *“Além de seu caráter religioso e folclórico, a Festa - também chamada de Folia - do Divino é de uma plasticidade deslumbrante. Em Piracicaba, acontecendo no rio - o Encontro das Bandeiras - é uma das poucas festas fluviais do Divino. E tem todo um ritual. O 'Festeiro' é pessoa de confiança da Irmandade do Divino, sendo ele o responsável pela realização da Festa. A Irmandade tem quatro barcos, dois deles oferecidos pelo casal Arnaldo (Nida) Ricciardi, ele falecido. A Festa acontece na segunda quinzena de julho. Cerca de um mês antes, há o recolhimento de prendas. Oito dias antes de ser iniciado, há a*

A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DE PIRACICABA



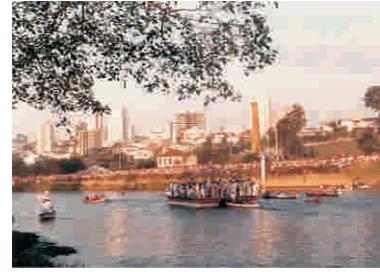
*Fotos: Foto Filétti - Acervo
Centro Cultural 'Martha Watts' - IEP*

'derrubada' dos barcos. Ou seja, eles são levados ao rio e recebem a bênção do padre capelão. De quinta a domingo, todas as noites há quermesse, cururu, danças, cuscuz, leilão. Antigamente, havia os tambus e as umbigadas. No sábado, o Festeiro comanda a procissão que irá levar os Irmãos de Baixo até os barcos menores, eles com suas bandeiras. Retornam ao ponto inicial, são os Irmãos de Cima, o festeiro entra no barco grande com a sua comitiva levando a Bandeira do Divino. Estouram os rojões para avisar a saída do barco, sinal para os Irmãos de Baixo iniciarem a subida do rio, com os foliões e os cantadores. Uns descendo, outros subindo, o Encontro se dá com grande regozijo popular às margens do rio. Ergue-se, então, o mastro com a bandeirola do Divino e celebra-se a missa campal. O povo usa as réplicas de bandeiras, faz e paga promessas. No domingo, há a 'procissão da passagem', que é a entrega da Bandeira do Divino ao Festeiro do próximo ano. É uma festa de grande motivação popular que, no entanto, tem vivido em pouca harmonia com alguns setores da Igreja Católica" (Elias Netto, 2000).

Machado (2009) considera que o período de proibição, somado ao avanço tecnológico e o crescimento da cidade, originou

mudanças econômicas e sociais que fizeram com que algumas práticas tradicionais da Festa se perdessem ou se distanciassem, como: os pousos, a apresentação do Batuque de Umbigada considerada 'erótica', a distribuição da carne e, mais recentemente, o leilão de gado extinto nas festas de 2008 e 2009 (Machado, 2009).

Na edição 185ª da Festa do Divino Espírito Santo em 2011, segundo a divulgação oficial, a programação teve início no primeiro domingo do mês, com a Santa Missa (realizada no Salão de Festas da Irmandade do Divino localizado no Largo dos Pescadores), derrubada e bênção dos barcos e envio e bênção das Bandeiras. Nos primeiros dias da semana, segunda e terça-feira, ocorreu no período da tarde a visita e bênção das casas da Rua do Porto com a Senhora Festeira e às 20h foi realizado o tríduo solene que se estendeu até o Domingo. No sábado, às 15h aconteceu a Procissão do Divino, quando se sucedeu o Encontro das Bandeiras. Já no domingo e último dia de festa, aconteceu a Procissão da Bandeira do Divino Espírito Santo, a Solene Missa Campal e a Passagem da Bandeira aos Festeiros do ano seguinte, além da já citada programação festiva. A festa encerrou-se às 19h do domingo, com a Salva de Morteiros.



Fotos: Acervo Setur

Todos os dias, às 6h da manhã, foi realizada uma salva de morteiros de seis tiros em substituição a uma fogueira que, tradicionalmente, era acesa por pescadores durante a realização da Festa.



Fotos: Ivan Moretti



DURANTE A FESTA

PRIMEIRO DOMINGO

No primeiro dia de festa de 2011, Domingo 03 de julho, iniciou-se a programação religiosa da Festa do Divino de Piracicaba. Às 9h da manhã a Santa Missa no salão de festas da Irmandade do Divino foi celebrada pelo Monsenhor Jamil Nassif Abib. No entanto, as pessoas já se aglomeravam no local desde as 5h para organizar e preparar as cerimônias que foram realizadas durante aquela manhã. Dentro do salão de festas foi montado um altar improvisado cercado por flores e bandeiras do Divino Espírito Santo. O padre estava sempre acompanhado por membros da Igreja e da Irmandade do Divino.

Muitos fotógrafos, repórteres e cinegrafistas se aglomeravam do lado de fora do

salão tirando fotos e captando os mais diversos detalhes. Dois barcos estavam alinhados na rua ao lado do salão de festas com as cores da irmandade.

Algumas pessoas estavam vestidas com roupas de cores vermelha e branca. Bandeiras do Divino Espírito Santo carregadas por membros da irmandade circulavam pelo local com suas fitas brancas e vermelhas. Estas fitas sempre cheias de nós que representam os pedidos realizados. As pessoas disputavam seus lugares dentro e fora do salão de festas para poder acompanhar a missa, que teve duração de aproximadamente uma hora e meia.

A banda União Operária de Piracicaba uniformizada com calça azul e gravata preta, ensaiava algumas notas do lado de fora do salão.

Antes de terminar a missa a banda se posicionou na porta do salão e começou a tocar o Hino Nacional Brasileiro. As pessoas, de costas para a banda, ouviram o Hino e depois acompanharam o final da missa, dando a impressão de que a banda se antecipou no momento de tocar o Hino, proporcionando a interrupção de parte da missa.

Ao terminar a missa as pessoas se posicionaram em volta dos dois barcos que se encontravam ao lado do salão de festas. Portadores de bandeiras do Divino se colocaram na frente dos barcos, formando um corredor. O primeiro barco era carregado por homens e, dentre eles, estavam membros da irmandade vestidos de branco e vermelho e autoridades políticas. Na frente desse barco um homem vestido com roupas vermelha e branca determinava o ritmo da caminhada até o Rio Piracicaba. O segundo barco era carregado por mulheres e seguia as mesmas características da embarcação carregada por homens. Logo à frente dos barcos, no corredor realizado pelas bandeiras do Espírito Santo, um casal conhecido como Senhor Festeiro e Senhora Festeira levava uma bandeira do Divino chamada de 'Bandeira Mãe'.

O casal de Festeiros é eleito pelos mem-

bros da Irmandade do Divino, Sua função é receber os donativos e organizar ao longo do ano os festejos, além de ser o protetor da Bandeira do Divino Espírito Santo. Em Piracicaba, o Senhor Festeiro é escolhido ano a ano pela diretoria da Irmandade do Divino Espírito Santo para tomar conta da 'Bandeira Mãe' do Divino, participar das solenidades e assegurar a realização da Festa. Ele tem sempre a companhia da Senhora Festeira, que tradicionalmente é a sua esposa. No entanto, em algumas ocasiões em que o Senhor Festeiro é viúvo ou solteiro, ele mesmo indica um nome feminino para estar ao seu lado. Na ocasião da 185ª Festa do Divino Espírito Santo a cunhada do Senhor Festeiro foi indicada por ele para assumir a função. As atribuições da Senhora Festeira são as mesmas do Senhor Festeiro. Além das atribuições semelhantes, é exclusividade da Senhora Festeira a realização da Passagem e Bênção da Bandeira nas casas da Rua do Porto, sendo que esta atribuição não é dada ao Senhor Festeiro.

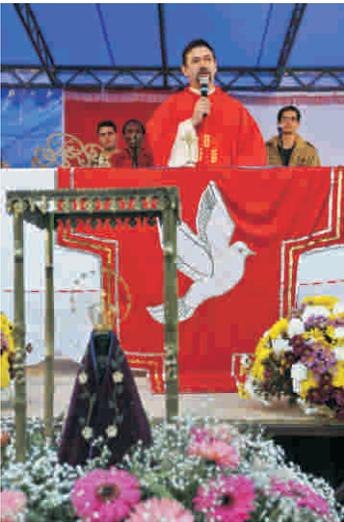
A escolha é realizada pelos membros da diretoria da Irmandade do Divino Espírito Santo que indica nomes que posteriormente são submetidos à votação dentro da própria diretoria da Irmandade. Os

nomes são escolhidos cada ano de um local diferente, sendo um ano da Irmandade do Divino, seguido por alguém da Comunidade da Rua do Porto e depois por um representante da Zona Rural. Durante a caminhada até à margem do rio, gritos de 'Viva o Espírito Santo' eram pronunciados a todo o momento, estes gritos eram respondidos por todos que estavam no local: 'Viva!' Muitas pessoas se emocionavam durante a caminhada com lágrimas nos olhos.

Os dois barcos foram levados à margem do Rio Piracicaba. Dentro de um barco maior se encontrava o Monsenhor Jamil Nassif Abib e outros membros da irmandade. Algumas palavras foram ditas em louvor ao Espírito Santo e os barcos foram derrubados na água. Novamente gritos de 'Viva o Espírito Santo!' foram pronunciados dando início a uma salva de morteiros que durou poucos minutos. Os dois barcos foram conduzidos por barqueiros rio acima.

A banda se posicionou próximo à margem do rio tocando o Hino da Cidade de Piracicaba enquanto as pessoas caminhavam com suas bandeiras de volta para suas casas. Além disso, membros do grupo de Congada de Piracicaba realizaram cantorias. Esse ritual é denominado

de 'derrubada de barcos' e teve duração de aproximadamente duas horas e meia, com início às 9h e encerramento às 11h30.



Fotos: Ivan Moretti

SEGUNDA, TERÇA E QUARTA-FEIRA

Na segunda-feira, às 13h, iniciou-se a Passagem da bandeira e a Bênção nas Casas da Rua do Porto. Esta cerimônia foi realizada pelo Diácono, pela Senhora Festeira e por outros três membros da Irmandade do Divino. O Diácono realizou a leitura da bênção na residência ou comércio, rezou o Pai Nosso e a Ave Maria casa por casa que recebiam os membros da Irmandade e também realizava a bênção dos cômodos com água benta. A Senhora Festeira acompanhou a cerimônia e um dos membros da Irmandade do Divino carregou a Bandeira durante o percurso. Todos os participantes da cerimônia realizavam as rezas comandadas pelo Diácono. A bandeira foi passada no interior das casas, nos cômodos desejados, geralmente pelo proprietário da casa, sendo que em alguns casos foi passada por um dos membros da irmandade. Algumas pessoas fizeram questão de esfregar o rosto na bandeira, como forma de adquirir sorte e se curar de enfermidades.

A cerimônia teve duração variada de cinco a quinze minutos (como observado). Durante a passagem da bandeira foram arrecadadas doações em dinheiro ou em alimento (oferendas ao Divino Espírito Santo). Os participantes da passagem foram recebidos

em três casas com café, bolo, bolachas, pães, entre outras comidas servidas pelos proprietários das casas. Finalizou-se a passagem da bandeira nas casas da Rua do Porto por volta das 16h retomando esse procedimento no dia seguinte, terça-feira, quando se completou a passagem da bandeira e a bênção das casas.

No período da noite na segunda-feira, às 20h, iniciou-se o Tríduo Solene (três missas com temas diferentes realizadas às 20h da segunda-feira, terça-feira e quarta-feira). Esta cerimônia foi realizada por um Padre convidado pela Irmandade do Divino e teve duração de aproximadamente uma hora.

A missa foi iniciada com a entrada pelo corredor central do salão de festas do casal de Festeiros, que carregava a 'Bandeira Mãe' do Divino e se acomodou nas primeiras cadeiras do salão para acompanhar a missa. Os temas do Tríduo Solene foram, respectivamente, 'Espírito Santo, dom de Cristo na Igreja', na segunda-feira (04/06); 'Espírito Santo e a diversidade de dons', na terça-feira (05/06); 'Espírito Santo, alma da Igreja', na quarta-feira (06/06). No primeiro e no último dia de missa foram distribuídos na entrada do salão santinhos e medalhinhas do Divino Espírito Santo. Esta função foi exercida pelo Senhor e Senhora Festeira, que receberam junto ao Padre, as pessoas que chegavam para a missa na porta do

salão. No último dia do Tríduo (quarta-feira), após encerrar a missa, foi realizada a Passagem da bandeira do Divino Espírito Santo por cima da cabeça dos fiéis, função esta exercida pelo Padre e pelo Diácono. Nesta ocasião foram passadas a bandeira oficial da Festa do Divino e a primeira réplica, ou seja, as duas principais bandeiras, de forma que todas as pessoas fossem tocadas pela bandeira. Ao final da cerimônia alguns informes sobre a Festa foram mencionados e, aos sons de cantoria em louvação ao Divino Espírito Santo, as pessoas se despediram do local.

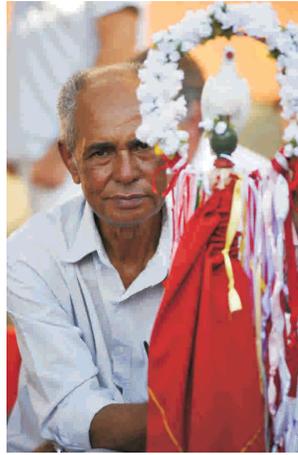
QUINTA-FEIRA E SEXTA-FEIRA

Foi iniciada na quinta-feira, 07 de julho, a parte festiva do evento, assim considerada pelos membros da Irmandade do Divino. Às 20h, duplas de cantores locais se apresentaram no palco posicionado no Largo dos Pescadores. O altar improvisado no Salão de Festas da Irmandade do Divino foi desmontado e no lugar aonde só se viam cadeiras, foram organizadas mesas. Na parte lateral e frontal do lado de fora do salão foram colocadas tendas com mesas e cadeiras para as pessoas que visitassem a Festa pudessem acompanhar as apresentações dos cantores se saborear com a fartura de comidas oferecidas em barracas montadas.

Muitas barracas foram posicionadas na Avenida Beira Rio e vendiam os mais variados quitutes: pastel, churros, lanche de pernil, cachorro quente, doces caseiros, espetinhos e salgados, além das barracas de bebidas e de brincadeiras (pescaria, tiro ao alvo, pula-pula, cama elástica). Algumas dessas barracas foram comandadas pela própria Irmandade do Divino, no entanto, outras eram de entidades assistenciais e particulares, contratadas pela Irmandade para atender aos visitantes da festa. A Irmandade do Divino produziu e vendeu os tradicionais cuscuz e leitoa à passarinho. Durante o primeiro dia de Festa foram realizados pequenos Leilões. Nenhuma celebração religiosa foi realizada nesse dia, reservando esse momento apenas para a parte festiva.

A programação festiva continuou na sexta-feira. Leilões para arrecadar dinheiro para a Irmandade também continuaram, com empresários e autoridades políticas participando e dando seus lances. Nesse dia também não foram realizadas quaisquer celebrações religiosas. Às 23h houve salva de fogos de artifício como abertura oficial da Festa do Divino Espírito Santo.

A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DE PIRACICABA



Fotos: Ivan Moretti

SÁBADO

No sábado, auge da Festa, iniciou-se a programação às 14h com a apresentação das festanças folclóricas. O grupo GRUCOMDESPI apresentou a Congada e a Dança dos Tangarás. Todos os participantes do grupo divididos em dois grupos: um formado pela embaixada instrumental, e outro por dançadores/cantadores - estavam vestidos uniformemente de branco e vermelho. A apresentação teve duração de uma hora e foi observada pelas pessoas que passavam pelo local.

Às 15h iniciou-se a programação religiosa com a procissão. À frente do cortejo foi um membro da Irmandade vestido de terno azul carregando uma cruz (simbolizando o Santíssimo). Logo atrás dois homens, membros da Congada, acompanharam a procissão. Vestidos de branco e vermelho e puxando rezas e músicas em louvor ao Divino Espírito Santo.

Em duas filas, formando um corredor, os barqueiros com seus remos rezavam e cantavam as músicas puxadas pelos membros da Congada. Mais atrás, centenas de pessoas acompanhavam a procissão.

Um grupo de mulheres da Irmandade do Divino Espírito Santo carregava no meio

da multidão a imagem de Nossa Senhora Aparecida, enquanto um grupo de homens carregava a imagem do Divino Espírito Santo.

Na primeira rua onde a procissão passou 23 pessoas cobertas por lençóis brancos, deitaram-se no chão de forma que o cortejo passasse por cima. Esse ritual é realizado como forma de agradecer ao Divino as graças alcançadas durante o ano. O nome utilizado para esta manifestação é mortalha.

A procissão continuou pela Rua XV de Novembro, caminhando em direção ao Rio Piracicaba e prosseguiu pela Avenida Alidor Pecorari, voltando pela Rua do Porto e Avenida Beira Rio. Os barqueiros que seguiam na frente da procissão deixaram-na com um ritual de reza e bênção e prosseguiram para dois barcos que estavam posicionados na margem do Rio.

No caminho, muitas pessoas se agregavam à multidão para acompanhar o séquito procissão, outras paravam para observar com curiosidade e/ou respeito, algumas rezavam e/ou se emocionavam.

A procissão prosseguiu até as proximidades do Largo dos Pescadores. Lá a Bandeira do Divino Espírito Santo, junto ao Senhor Festeiro e a Senhora Festeira

entrou em um barco para realizar o encontro das bandeiras. Algumas pessoas ficaram na frente do Casarão do Turismo (curva do Rio) para ver o encontro das bandeiras sobre as águas do Rio Piracicaba.

O barco em que o Senhor Festeiro e a Senhora Festeira estavam desceu o Rio Piracicaba em direção aos dois barcos com os barqueiros. O encontro dos barcos (das bandeiras) foi realizado na curva do Rio em frente ao Casarão do Turismo. Lá, com uma grande salva de morteiros se completou o ritual. Ao final, os três barcos subiram o Rio em direção ao Largo dos Pescadores.

Os barqueiros, ao chegarem ao Largo dos Pescadores, realizaram o ritual de levantamento de mastro. Neste momento os barqueiros levantam um mastro de aproximadamente três metros de altura com os seus remos, sem tocá-lo com as mãos.

Após essa cerimônia foi iniciada, no Largo dos Pescadores, a Santa Missa Campal. A missa teve duração de aproximadamente uma hora.

SEGUNDO DOMINGO

No segundo e último domingo de louvação ao Divino Espírito Santo, a programa-

ção iniciou-se às 11h com um almoço. Às 14h teve início a apresentação da Congada, igualmente ao dia anterior. Após a Congada, a Procissão da Bandeira do Divino Espírito Santo foi iniciada, partindo da frente da Capela do Divino Espírito Santo (Rua Moraes Barros), se deslocando pela Rua São José rumo a Capela de Nossa Senhora Aparecida. Ao encerrar a procissão iniciou-se a Solene Missa Campal. Ao final os Festeiros do ano de 2011, João Roberto Joos e Wilma Rossi passaram a bandeira aos Festeiros de 2012, Virgílio Carraro e Mayara Aparecida Satalo Carraro. Uma salva de morteiros encerrou a Festa às 19h30.



Fotos: Ivan Moretti



INTERPRETAÇÕES

A percepção da Festa do Divino Espírito Santo por meio de uma visão antropológica significa, primeiramente, considerá-la um 'fato social total' constituído de múltiplas faces: técnicas, estéticas, econômicas, psicológicas, jurídicas, fisiológicas, etc, que se interagem simultaneamente. Segundo Gonçalves (2008), as atividades desenvolvidas na festa *“são realizadas como uma contradádiva oferecida ao Divino Espírito Santo, em agradecimento pelas graças concedidas”*. Isto é, cada ação, individual ou coletiva, deve ser analisada como categoria diferenciada e autônoma, carregada de inspirações mágico-religiosas e morais que existem na obrigação de 'agradar o Divino' (Gonçalves, 2008). Ou seja, todas as ações desenvolvidas na festa e para a sua realização possuem uma única

intenção: a de louvar o Divino.

TEMPO SAGRADO

Ao inaugurarem um tempo sagrado diferente do cotidiano, onde se intensificam as trocas simbólicas da comunidade, o Espírito Santo exerce poder total. Segundo Gonçalves (2008), o tempo cotidiano é marcado pela horizontalidade das relações sociais e o tempo das festas pela verticalidade dessas relações. O tempo das festas é momento de intensificar o trabalho para o Espírito Santo, opondo-se ao tempo cotidiano marcado pela dispersão. O trabalho para o Divino Espírito Santo se caracteriza como trocas simbólicas em que nas categorias de dádiva e contradádiva, os devotos estabelecem uma relação permanente com o Divino.

CENTRALIDADE

A centralidade da festa é exercida pela figura do casal de Festeiros. Entretanto, são nessas cerimônias que a presença da Igreja dominante se insere no espaço popular e atua com certa centralidade de poder.

Durante a realização da Festa do Divino é possível identificar certa descentralização das relações de poder dominante da Igreja. É montada uma estrutura política em que o Senhor Festeiro, em Piracicaba, exerce um papel fundamental que cria condições para que a festa se realize e se concretize a louvação ao Divino. Diferentemente de Piracicaba, em Pirenópolis - GO, o Imperador é responsável por toda a realização da Festa e geralmente é ele que arca com as maiores despesas da Festa. A coroa, a pomba e a bandeira são símbolos sagrados e ficam na casa do Imperador durante o ano todo. O Imperador em Pirenópolis atua de forma que a Festa ocorra sobre o seu olhar e sua responsabilidade. Em Piracicaba o Imperador do Divino não existe, no entanto, a figura do Senhor Festeiro exerce funções muito semelhantes a do Imperador. Segundo Etzel (1995), a partir da Festa se criam novas estruturas de poder, diferentes das eclesásticas, o que a torna única. Um teatro é montado

durante a realização da Festa *“em que o povo, por um artifício devocional, corteja o Poder exercido com a prodigalidade de um verdadeiro monarca”* (Etzel, 1995).

As cerimônias promovidas pela comunidade local em louvação ao Divino Espírito Santo causam a impressão de que essas manifestações são desconexas e independentes, porém uma rede de trocas simbólicas vincula todas as celebrações ao Divino Espírito Santo. Por meio das danças, comidas, rezas, bandeiras, entre outros, se estabelece a ligação do plano material ao espiritual como trocas simbólicas nas categorias de dádiva e contradádiva.

A BANDEIRA

A Bandeira do Divino é representada nas cores vermelha e branca. A cor vermelha é utilizada como referência à realeza de Santa Isabel, o sangue do cordeiro e o fogo do pentecostes. O branco, na representação da pomba, simboliza consolador, o Divino Espírito Santo, e a pomba é cercada dos sete raios dourados que representam os sete dons. O Espírito Santo é simbolizado por meio de uma pomba branca bordada ou pintada nas bandeiras.

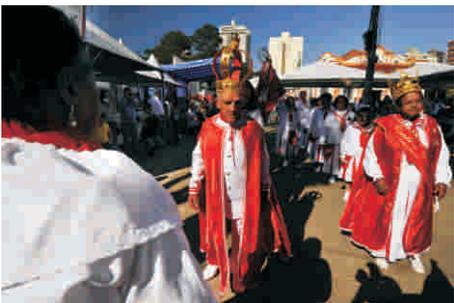
A pomba também se apresenta no alto do mastro envolto por um arco de flores e em

alegorias de mão. No arco são colocadas fitas para que as pessoas deem nó ao fazerem pedidos ao Divino. Existe uma bandeira oficial do Divino Espírito Santo em Piracicaba, chamada de 'Bandeira Mãe'. As outras bandeiras presentes nas celebrações são as 'Bandeiras Filhas' ou 'Réplicas', sendo pouco menores que a original.

Nos meios rurais e urbanos a Bandeira do Divino é aguardada sempre com forte emoção. Na roça são realizados desfiles para que todos possam ver e tocar a Bandeira e muitos passam a Bandeira milagrosa por suas cabeças e sobre leitos de pessoas com enfermidades. Segundo Perecin (2006) *“Hoje, em grande parte dos eventos, ela desfila em triunfo, a frente das procissões, seguida de grande cortejo de personalidades laicas e eclesásticas, anjos e estandartes, por último a massa popular, sob o acompanhamento de banda, espocar de rojões, em clima de grande contentamento, a reafirmar a sua íntima natureza, a de ser em essência a festa da alegria cristã”*

O principal objeto de todas as cerimônias da Festa do Divino de Piracicaba é a Bandeira. É ela que exerce papel central na louvação do Divino Espírito Santo e está presente, em sua forma oficial ou réplica, em todas as cerimônias e rituais

realizados durante a Festa. A fé é expressa na presença da bandeira e os pedidos são feitos nas fitas amarradas no arco que ela carrega. *“A bandeira é levantada para contemplar os bens celestes”* (Machado, 2009). A Bandeira é um objeto que carrega em sua representação signos e significados constituídos de 'alma', ou seja, carrega em sua materialidade sentimentos, expressões, histórias, esperanças de toda uma comunidade local. É por meio dela que se concretizam os pedidos realizados nas fitas com nós ligando as pessoas ao Divino.



Fotos: Ivan Moretti

OMASTRO

O mastro do Divino Espírito Santo, feito de madeira nas cores vermelhas e brancas, é colocado em frente ao Largo dos Pescadores, na margem do Rio Piracicaba. Este lugar fica posicionado próximo à Capela do Divino Espírito Santo e permanece nesse local até o início das cerimônias do Divino no ano seguinte. O levantamento do mastro é realizado pelos barqueiros com seus remos, sem que o toquem com as mãos. No alto do mastro é fixada uma bandeira com a imagem da pomba do Divino Espírito Santo. Segundo Machado (2009), *“O mastro simboliza a ligação entre o Céu e a Terra, significando também proteção e tempo de se fazer na Terra, o Céu.”* Isto demonstra, mais uma vez, que os objetos presentes na festa sempre carregam dimensões simbólicas que ligam dois planos - o dos homens e o do Divino.

AS REZAS

A reza está presente em todos os rituais da Festa. Na derrubada dos barcos o pároco da Catedral inicia a reza, que é seguida pelos devotos do Divino. Durante a Bênção das Casas, que é um ritual sagrado e arrecada donativos para a Festa do Divino, a reza também está presente. Este ritual tem a função de ampliar e

divulgar a devoção ao Espírito Santo, entretanto, o sentimento de pertencimento que este ritual causa na vida dos moradores da comunidade é evidente: as pessoas esperam ansiosas pelo ritual de Bênção e a partir dele se sentem parte de um determinado grupo que louvam ao Divino Espírito Santo. É por meio das orações, da oferenda de alimentos e da doação de donativos que as pessoas expressam a fé e a espiritualidade, mantendo contato direto entre o plano material e o plano espiritual.

O Tríduo Solene ocorre nas segundas, terças e quartas-feiras e se caracteriza em três missas de temas propostos pela Irmandade do Divino. São realizadas missas à noite, que tem a função de louvação ao Divino Espírito Santo, intensificando a aproximação dos devotos com o Divino. A missa campal acontece no sábado e no último Domingo. O altar fica localizado em cima de um palco no Largo dos Pescadores. Durante as procissões a reza também é realizada e puxada pelos barqueiros.

Podemos observar que as rezas estão presentes em todos os rituais. Elas exercem a função de mediar a relação dos devotos com o Divino, aproximando o plano material do espiritual. Segundo Gonçalves (2008), *“As rezas constituem um meio simbólico de concentração coletiva e individual dos devotos, elaborando dia a*

dia uma passagem temporal entre o domingo de Páscoa e o domingo de Pentecostes, com a chegada do Espírito Santo. Mas constituem também um meio para os indivíduos intensificarem sua comunicação com o Divino. Ao longo das rezas percebem-se tanto a dimensão coletiva”

REFERÊNCIAS CULTURAIS

As principais referências culturais identificadas por ordem cronológica de acontecimento na pesquisa foram:

1. Bênção e Derrubada dos Barcos;
2. Visita e Bênção das Casas;
3. Tríduo Solene;
4. Procissão do Divino;
5. Procissão da Bandeira;
- 5.1. Mortalha (ocorre durante a procissão);
6. Encontro das Bandeiras;
7. Levantamento de Mastro;
8. Missa Campal;
9. Passagem da Bandeira;
10. Festanças Folclóricas;

Com base no conhecimento e documentação produzidos neste estudo foi elaborada a sistematização desse conteúdo seguindo a ordem cronológica de acontecimento. O estudo procurou descrever a rede de eventos, relações

sociais e representações que dão forma os festejos do Divino Espírito Santo.

AS PROMESSAS

As promessas são atos de agradecimento pela graça alcançada, representadas geralmente pelos ex-votos, as fitas inseridas nas bandeiras como expressão de gratidão e devoção. Segundo Libardi (1997), a cor da fita tem geralmente um significado próprio, que pode definir o sexo, a idade e o estado civil do devoto: mulheres casadas, fita vermelha; homens, fita marrom; mulheres solteiras, fita azul clara; jovens, fita verde; e crianças, fita branca (Libardi, 1997).

Além das fitas, outra forma de manifestação de fé popular é a 'mortalha', num ritual conhecido como 'deitar para o Divino'. O devoto, com a ajuda de familiares ou amigos, é enrolado em um lençol, geralmente branco ou em estampas coloridas, como se fosse uma mortalha e se deita no chão, enquanto a procissão passa sobre eles (Libardi, 1997).

OS POUÇOS

Outro aspecto interessante sobre o culto ao Divino Espírito Santo em Piracicaba aparece em caráter não oficial, à parte da realização da Festa do Divino na Rua do Porto. Maynard de Araújo (1955) faz

.¹² Reza cantada feita uma ladainha.

.¹³ Em alguns locais são conhecidos como canturiões.

¹⁴Trabuqueiros - irmãos que atiram com o trabuco ou bacamarte, cujo tiro é ensurdecedor. O tiro do trabuco serve para anunciar a chegada da Irmandade; comunicar o final de cada mistério do terço (são cinco mistérios) e para indicar a despedida dos irmãos. Antigamente, o tiro ainda servia para espantar animais ferozes que, eventualmente, pudessem surgir ao longo das margens do rio ou pelas capoeiras, matas e florestas percorridas pelos peregrinos.

.¹⁵ Cada mistério é composto de um Pai-nosso e dez Ave-Marias.

referência sobre a realização de pousos na Festa do Divino, segundo Machado (2009) tais quais existem atualmente nos bairros e arredores de Piracicaba, ligados à Irmandade de Laras. Os pousos são oferecidos pelos festeiros com farta distribuição de alimentos servidos em jantares, cafés da manhã, almoço e em cafés da tarde, com doação dos gêneros pelos participantes da comunidade.

Machado (2009) afirma que os 'pousos do Divino' acontecem paralelamente à Festa.

“Em Piracicaba, são sete pousos, atualmente, que recebem os irmãos de Laras e realizam a festa pelo menos há 30 anos.

Eles são ligados à Irmandade do Divino do distrito de Laras, ou Capela de São Sebastião, no município de Laranjal Paulista, cidade situada a 30 km de Piracicaba. São realizados nas casas de devotos, moradores em Piracicaba, que receberam uma graça e, em agradecimento, fazem o 'pouso', recebendo a irmandade de Lara, composta por romeiros - os irmãos do Divino - que viajam por rio e terra, muitas vezes a pé, por 24 dias, passando por cidades que permeiam o rio Tietê até Laranjal Paulista, caminho antes feito pelo rio”. A autora descreve as atividades realizadas nos pousos: “Os romeiros trazem a bandeira do Divino para abençoar as casas e fazer os pedidos,

rezam o 'terço cantado',¹² e em alguns pousos fazem uma pequena procissão, onde acontece o encontro da Nossa Senhora com a bandeira do Divino e o ritual da mortalha. Há, entre eles, a presença de meninos - os foliões¹³ - que fazem a cantoria, tocando triângulo e caixa enquanto um irmão toca o violão. Este ritual é feito em todas as refeições. Dentre eles, há também os trabuqueiros¹⁴, que soltam os fogos ao final de cada um dos cinco mistérios¹⁵ do terço rezado” (Machado, 2009).

Machado (2009) destaca que as festividades dos pousos são organizadas pela comunidade, sem a presença de autoridades políticas ou religiosas ou relação com a Festa 'oficial' da cidade. A autora levanta a hipótese de que os pousos tenham se constituído em um espaço para celebração do Divino à margem de qualquer autoridade, a despeito da proibição ocorrida na década de 1960 (Machado, 2009).

Sobre o isolamento da Festa oficial em relação aos pousos e Irmandades da região, como as de Anhembi, Conchas, Tietê e Laranjal Paulista, que já organizaram encontros do Divino entre elas, pode ter ocorrido por falta de diálogo e por divergências na forma de pensar a organização da festa. Um dos motivos

apontados seria que cada vez mais a Festa de Piracicaba assume uma característica urbana, diferentemente das outras da região onde predomina o caráter rural (Machado, 2009).

REZA DO POUSO

Na Festa do Divino retratada em 1981 pela publicação da Coordenadoria de Turismo da Prefeitura Municipal de Piracicaba há uma interessante descrição da realização da reza de pouso:

“Frente ao altar, de joelhos, cercado pelos Irmãos, festeiro e convidados, o capelão dirige as orações.

O capelão faz o 'Pelo Sinal' e o 'Nome do Padre' (Sinal da Cruz) rezando o confiteor:

- *'Eu pecador me confesso a Deus Pai...'*

Depois, o ato de Contrição:

- *'Senhor Meu, Jesus Cristo, Deus e homem verdadeiro...'*

A seguir, o Credo e o canto a capela:

*Deus vos salve Maria, filha de Deus Pai,
Deus vos salve Maria, a esposa do
Espírito Santo,
Deus vos salve Maria, da Santíssima
Trindade,
O Pater e o Filho e do Espírito Santo
É de sécula seculoru, amém.*

O canto é entoado por dois grupos, cada um reza uma frase que é respondida pelo outro grupo. Não há uma linha melódica fixa. Ao término da louvação, tem início o terço. Entre um mistério e outro espocam um rojão e os fiéis entoam:

*“Do Pater e do Espírito Santo
E como era em princípio
E sempre sécula seculoru, amém
Adoro Jesus, José, Joaquim, Ana, Maria
É o vosso coração
e a alma minha, meu senhor.”*

Ao final do terço, cantam uma versão da 'Salve Rainha' e rezam 'três Ave-Maria':

*“Salve Rainha, mãe de misericórdia,
Vida doçura, doçura esperança nossa,
Salve Rainha, a vós e a vós bradamos
Os degredados, os degredados
filhos de Eva,
A vós suspirando, gemendo e chorando
Neste vale, neste vale de lágrimas.
Eia pois advogada nossa
Este rosário misericordioso
A nós volvei, a nós volvei neste desterro
Ó meu Jesus, bendito é o fruto do vosso
ventre, ó piedosa e doce
Piedosa e doce, sempre a Virgem Maria.
Rogai por nós, santíssima Mãe de Deus
Para que sejamos dignos
Das promessas de Cristo, amém*

Os versos seguintes são cantados em várias

vozes, logo após a oração do capelão (três Ave-Marias):

*Maria concebida,
Concebida sem pecado,
Rogai a deus por nós
Que recorremos a vós,
Rogai a Deus por nós*

Os versos seguintes são cantados em várias vozes, logo após a oração do capelão (três Ave-Marias):

*Maria concebida,
Concebida sem pecado,
Rogai a deus por nós
Que recorremos a vós,
Rogai a Deus por nós
Que recorremos a vós
Se eu soubesse quem é Maria
Dela eu nunca esqueceria, quer na vida
quer na morte
Que ela seja, nossa guia.”*

Depois de três repetições arrematam:

*“Eu vos adoro
Cantai, orai comigo
O meu doce pão do céu
Meu Divino Sacramento
Maria, mãe de graça,
Mãe virgem de misericórdia,
Livrai-nos dos inimigos
Arrecebei-nos na hora da morte, amém.”*

Após uma pausa prolongada e silenciosa cantam uma nova oração:

“Senhor Deus! Misericórdia!

Ai meu Senhor!

Senhor Deus! Misericórdia!

Meu senhor eu pequei

Ai meu Senhor!

Misericórdia meu Senhor!

Senhor, pelas dores de vossa mãe, mãe

santíssima,

Misericórdia, ó meu Senhor!

Senhor é meu Deus

Pelas dores de vossa mãe!”

Esse apelo, em coro não tem uma linha melódica constante, varia de grupo para grupo. A seguir cantam o 'Bendito':

“Ó Bendito e louvado seja.

O Santíssimo sacramento,

A puríssima conceição

Da Virgem Maria,

Senhora Nossa,

Concebida sem pecado.”

Fazendo o 'Pelo Sinal' o capelão conclui:

- 'louvado seja Nosso senhor Jesus

Cristo!'

Ao que todos respondem:

- 'Para sempre seja louvado'

- 'Para sempre seja louvado'

Ao fim da reza os beatos beijam o Santo. O 'canto de beijar o Santo' é entoado por todos os presentes” (A Festa do Divino, 1981).



FESTANÇAS FOLCLÓRICAS

Apesar de a Congada do Divino e o Cururu serem expressões de louvor e devoção à Nossa Senhora Aparecida e ao Divino Espírito Santo, são apresentadas como 'festanças folclóricas' e/ou 'festividades' inseridas na programação festiva de caráter profano, ao lado do comércio e das diversões (Machado, 2009).

Machado (2009) considera que a classificação profana *“ofusca as diferenças e apaga os significados, quando não os esvazia, além de reforçar um padrão de pensamento anacrônico, pautado na divisão do mundo e dos homens em 'sagrados' e 'profanos'. (...) Se por um lado, a mistura sempre foi marca da sociedade brasileira construída por uma cultura plural, por outro, a necessidade*

em afirmar padrões de comportamentos diferenciados e separatistas sempre existiu. Na festa, os conceitos de 'sagrado' e 'profano', 'religioso' e 'festivo', veiculados como antítese, perdem força na medida em que são vivenciados num único tempo sob uma mesma denominação: a festa” (Machado, 2009).

A CONGADA DO DIVINO

*“A senhora Aparecida
É a nossa Padroeira, ai, ai, ai...
Tenha dó dos nossos filhos
Nessa terra brasileira, ai, ai, ai...*

*Um velhinho vinha vindo
Vinha do lado de fora
Perguntei de onde vinha
Bom Jesus da Pirapora.*

*Nisso eu imaginei
Justinho naquela Hora
Eu entrei rezar na igreja
Dos pés de Nossa Senhora.
Nós pedimos nessa hora
Dá licença Mãe querida
Protetora da Congada
A Senhora Aparecida ai, ai, ai..."*

A congada é uma manifestação religiosa e cultural de influência africana e é celebrada em diversas regiões do país. Esta manifestação cultural aborda geralmente, três temas: a representação da luta de Carlos Magno contra invasões mouras, a vida de São Benedito e o encontro de Nossa Senhora do Rosário, No entanto, podem incluir aspectos da cultura local.

A origem da Congada está associada à uma lenda de Chico Rei, rei do Congo, que foi trazido para o Brasil como escravo. Aqui, com seu trabalho conseguiu juntar ouro suficiente para comprar sua própria carta de alforria e a de seu filho. Ao conquistar sua liberdade, Chico Rei começou a dançar dentro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, o que é conhecido hoje como Congada, Congado, Congo.

A partir da análise dos movimentos da dança da Congada em Piracicaba, encontramos todos os elementos presen-

tes durante as solenidades do Divino, ou seja, a congada explica a Festa e a Festa explica a congada. Nela são introduzidos elementos que representam o encontro dos barcos, a figura do Senhor Festeiro e da Senhora Festeira, as missas, a arrecadação dos donativos, as promessas, praticamente todos os elementos da Festa estão representados na congada. A comunicação com o Divino, neste caso, se faz por meio dos movimentos da dança, da cantoria, das cores, etc.

OCURURU

Na Festa do Divino de Piracicaba, o Cururu, juntamente com a Congada, ocupa o espaço do profano, folclórico ou festivo, não sendo disposto no lugar do sagrado de onde se originou: cantando rimas de versos bíblicos e desenvolvendo uma história quando da chegada da bandeira nos pousos do Divino. Este vínculo com a religião é percebido pelos nomes das músicas: Rima do Sagrado, Rima de São José, Rima da Graça, Carreira de São João, Rima da Graça, entre outros (Machado, 2009).

A origem do Cururu como canto de louvor pode ser ouvida na música 'Cururu Antigo' de Pedro Chiquito, gravada na década de 1960 em Piracicaba:

*“Me falô os antepassado
De uma lenda que existiu:
Santo Onofre e São Gonçalo
Santo Onofre e São Gonçalo
Um dia esses dois reuniu.
Da barba de São Gonçalo
Retiraram 12 fio
Encordoaro na viola
Com toêra e canotio.
Desse dia por diante
Foi que o cururu existiu”*

Para especialistas como Antônio Cândido, Mario de Andrade e Alceu Maynard de Araújo, o Cururu é uma 'dança cantada do caipira paulista', em forma de repentismo e configura-se como um desafio entre violeiros feito em improviso, proveniente de danças cerimoniais indígenas. Câmara Cascudo (1993) define o Cururu como uma dança de origem na catequese dos jesuítas; e para João Chiarini, o Cururu seria uma 'competição popular, luta amistosa entre canturiões' de origem luso-afro-indígena (Machado, 2009).

O Cururu foi introduzido na Festa do Divino de Piracicaba em 1933, reunindo cururueiros de toda região do Médio Tietê. A princípio eram realizadas as chamadas 'Rodas de Cururu', que cantavam nos tradicionais pousos da festa, os quais não são realizados dentro da festividade oficial: *'bons tempos*

aqueles, quando no último pouso a gente passava a noite ferrado num cururu!' (Maynard de Araújo, 1955).

Seu núcleo principal de atuação encontra-se no vale do Médio Tietê entre as cidades de Piracicaba, Tatuí, Tietê, Sorocaba e Botucatu com participação nas Festas do Divino desta região. Tem como característica o Cururu: a combinação do tema religioso, a 'louvação' ou a 'lição', com assuntos do cotidiano. Muito embora o Cururu tenha sofrido alterações em suas temáticas, sobrevive refletindo, sobretudo as mudanças na sociedade (Machado, 2009).

Segundo Machado (2009), afora o Cururu, é possível dizer que a Festa do Divino é permeada de som o tempo todo: nas preces, cantorias e na presença da Banda União Operária de Piracicaba, acompanhando os eventos da Festa, com marchinhas, hinos e música popular brasileira (Machado, 2009).

BAIXÃO DO DIVINO

*"Bate o remo da Irmandade
A canoa e o batelão
Em quarenta companheiros
Os meninos e os foliões
'Alembando' a toda hora
Pedindo a Nossa Senhora
Pra derramar a benção.
Divino Espírito Santo
Filho da Virgem Maria
E, e, e, e, a, e..."*

*O Divino vai na proa
Em seu barco de madeira
Ali junto os foliões e ai
Os alferes de bandeira
Também canta os meninos
Sempre Louvando o Divino
Comandando a margem inteira.*

*No encontro das bandeiras
Todos são preparados
Os irmãos vestem de branco
Encontra os remos cruzados
Depois segue a procissão
Numa bonita união
Do Divino abençoado".*

SAMBA LENÇO-SAMBA RODA

*"A garça pois o pé n'água
Morena ai, ai.
O bico pra beber
Morena ai, ai.
Não quero que ninguém saiba
Morena ai, ai.
Eu gosto muito de você
Morena ai, ai.*

*Lá vem a garça voando
Do coqueiro da Bahia
Malemá se compreendia
O que a garça dizia*

*O casamento da menina
Pra quem ta nervosa chora
Representa Romaria
Quando vêm da Pirapora*

*Menina do vestido branco
Do vestido degodê
Ai, ai, ai, ai
Eu preciso falar com você*

*Oi festa que eu cantei naquele dia
Itará em cima daquela serra
E a morena quando viu canta essa
moda
Mando a criada perguntar de onde eu
era.*

*Eu pulei, pulei
Na beira do mar
Procurando agulha, morena.*

*Eu passei na ponte
A ponte tremeu
Água tem veneno, morena
Quem morreu, morreu
Quem bebeu, bebeu
Quem bebeu, morreu
Água tem veneno, morena
Quem bebeu, morreu.*

*A pomba põe o pé na água
Morena ai, ai
O bico para beber*

*Morena ai, ai
Não quero que ninguém saiba
Morena ai, ai
Quero casar com você
Morena ai, ai."*

DANÇA DOS TANGARÁS

*"Parabéns Piracicaba
Linda terra onde eu nasci*

*Sou Feliz terra adorada
Estando aqui junto de ti*

*Linda Noiva da Colina
Outra mais linda não há*

*Parabéns Piracicaba
É o que eu quero desejar."*

VAI DE RODA (CANINHA VERDE)

*"Vai de roda, vai de roda
Não se encoste na parede
Que o salão é muito grande
Pra dançar caninha verde
Não se encoste na parede
Que a parede solta pó
Encoste aqui no meu braço
Que está noite dorme só.*

*Tropeiro só fala em burro
Carreiro só fala em boi
Moça só fala em namoro
Velho só canta o que foi
Você diz que sabe sabe
Tem outro que sabe mais
Tem gente que tira pomba
Do laço que você faz.*

*Eu joguei fubá na água
Muito peixe fez cardume
Amor que não é sincero
É uma rosa sem perfume
Orvalho caiu na flor
Foi areia que bebeu
É igual felicidade
Que ao nascer logo morreu!"*



O LUGAR DA FESTA DO DIVINO

A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DE PIRACICABA

Desde as primeiras manifestações registradas, que situam o culto ao Divino no início do século XIX, é possível perceber sua evolução e as mais variadas mudanças em sua programação no decorrer do tempo. Entretanto um aspecto fundamental da Festa que não se alterou é o lugar de sua realização: a Rua do Porto e o Rio Piracicaba. O lugar da Festa e sua realização são indissociáveis. A paisagem cultural ali apresentada, apesar de todas as transformações ocorridas no conjunto edificado em mais de 180 anos, ainda consegue manter-se perfeitamente como cenário e palco próprio para as festividades. O palco fica estabelecido em terra, na área

da Rua do Porto, Av. Beira Rio, Largo dos Pescadores e edificações da Irmandade; em água, dentro do Rio Piracicaba onde tem lugar o principal acontecimento da festa - o Encontro das bandeiras. Enquanto que o cenário natural, que embeleza os rituais está definido no Parque do Engenho Central, especialmente em sua mata remanescente.

Mais que um recinto, a área onde se realiza a Festa do Divino apresenta uma configuração de Lugar, sendo portador de referência à identidade da Festa do Divino, e também à ação e à memória de seus diferentes grupos participantes, intérpretes ou espectadores.



FORMA DE EXPRESSÃO

Festa do Divino Espírito Santo de Piracicaba.

CATEGORIA

Registro de Celebração (categoria utilizada pelo IPHAN).

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

Proximidades da Rua do Porto e Largo dos Pescadores (ver figura).





UMA FESTA PIRACICABANA

A Festa do Divino desempenha papel central na formação da identidade cultural local, podendo ser considerada patrimônio imaterial, pois envolve um sistema de produção e circulação de bens e dádivas baseados na reciprocidade que interferem em todas as dimensões da vida social local (Mauss, 1974). Além disso, proporciona um forte e constante diálogo entre o passado e o presente reunindo diferentes setores do catolicismo oficial e popular.

Esta manifestação cultural atinge um universo mais amplo, possibilitando ao expectador despertar as forças culturais como extensões morais e simbólicas (Mauss, 1974). Além disso, com a Festa se reproduzem estruturas sociais e se interagem identidades coletivas e individuais. Apesar das modificações sofridas

no decorrer dos anos, a estrutura e os principais mecanismos sociais se mantêm. Um constante diálogo entre a Igreja, a Comunidade e o Poder Público é também cultivado, uma vez que, a Comunidade realiza e trabalha na Festa; a Igreja oficial intervém por meio das missas e solenidades oficiais e o Poder Público se faz presente pelas representações políticas que participam da festa e da infraestrutura de barracas que fornece para a comunidade.

A Festa do Divino Espírito de Piracicaba é realizada em uma cidade de médio porte, diferentemente de outras festas populares encontradas no Estado de São Paulo, que na sua maioria são realizadas em cidades de menor número populacional. Identificamos a Festa como patrimônio cultural, pois por meio dela a população

local recorre a certezas do passado em oposição às velhas esperanças utópicas do futuro, mantendo na tradição popular suas características de sociedade preservada. Em uma cidade em plena expansão populacional, urbana e econômica, a Festa do Divino Espírito Santo situa a população em um espaço e tempo bem delimitado, recorrendo a certezas do passado em um processo de contradição das relações sociais atuais que fragmenta e nega o tempo futuro.

Ao mesmo tempo em que Piracicaba atrai empresas multinacionais expandindo-se economicamente e se tornando uma cidade global, são preservados por meio da Festa, tradições e costumes. A expansão econômica como representante da globalização da cidade transforma o local em global. Essa nova perspectiva de tempo e espaço caracteriza em um processo de alongamento das relações, o que não favorece a manutenção e criação de vínculos locais, desconstruindo o sentimento de pertencimento com o ambiente e com a rede de relações sociais locais. Segundo Gomes (2008), *“diante da atual configuração mundial caracterizada por interações globais crescentes, a revitalização de culturas populares e tradicionais busca garantir a manutenção*

da diversidade cultural no cerne de cada comunidade” (Gomes, 2008).

Portanto, a Festa atua na recuperação da memória do piracicabano fortalecendo os vínculos sociais e o sentimento de pertencimento, construindo espaços de socialização e de (re) construção da identidade. Esse processo de recuperação da memória caracteriza-se, segundo Cabral (2009), para além de uma nostalgia do passado constituindo em um trabalho de luto a um mundo em 'desaparecimento'. Nesse sentido, o objetivo é 'combater' as incertezas que o mundo globalizado impõe.

A comunidade local espera pela Festa, vive sua organização, mobiliza-se para que ela aconteça anualmente, como forma de louvação ao Divino Espírito Santo. Perceber as entrelinhas e entender as redes sociais criadas é fundamental para compreender que a vida social local está diretamente atrelada à realização da Festa do Divino.

Durante a pesquisa verificou-se a participação de diversos setores da sociedade que contribuem direta ou indiretamente na produção da Festa. Comunidade local, Igreja, políticos, empresários se inter-relacionam para a concretização da Festa, no entanto a participação popular é o fator determinante nesse movimento.

Não podemos dizer que as relações de poder se minimizam ou se invertem por ocasião da Festa, mas podemos dizer que elas se interagem para bens comuns - o da louvação ao Divino. Segundo Machado (2009): *“Desta forma, (...) todos fazem parte da festa, todos se dissolvem no seu torvelinho. (...) Qualquer que seja sua índole, o seu caráter, o seu significado, a festa é participação”, diz Paz (1984). Assim, empenhando-se na recriação da festa, o tempo é abolido: comemorasse no presente, o futuro prefigurado e sonhado, um novo tempo que tem início no dia da festa em que governam a criança, a liberdade e a fartura. Pois, “o futuro não é tempo do amor: o que o homem quer de verdade, ele quer agora”* (Machado, 2009 apud Paz, 1984).

A louvação ao Divino se dá pela realização da Festa e a certeza de receber as bênçãos do Divino vem do trabalho realizado durante ela: todos trabalham, todos contribuem e todos se entregam. A Festa é solidária: tudo que é arrecado é posteriormente distribuído. É exatamente a partir do trabalho que ocorre a troca simbólica entre os devotos e a Santíssima Trindade. A devoção ao Divino explica a Festa e a Festa explica a comunidade, constituindo na principal fonte de sua

identidade (DOSSIÊ IPHAN, Festa do Divino de Pirenópolis - GO, 2008).

O fator de transmissão da Festa por geração pôde ser observado em diversos momentos, como por exemplo, nas missas, nas festanças folclóricas e procissões. Em todos os ambientes observados, crianças, jovens, velhos, pessoas de todas as idades, vestidas de vermelho e branco, participavam da organização, produção e devoção ao Divino Espírito Santo. No entanto ao conversar e entrevistar os mais velhos ficou evidente a preocupação quanto à manutenção da Festa com suas características originais. Estes destacaram uma necessidade maior de participação do poder público para a transmissão dessa manifestação cultural para as gerações seguintes. Para eles é necessário preservar a autonomia na realização da devoção ao Divino. Além disso, a atuação do poder público quanto à preservação dessa manifestação cultural, considerando sua amplitude e complexidade, pode ser um dos principais fatores no processo de planejamento municipal, atuando como item estratégico na afirmação da identidade local, criando mecanismos de pertencimento em contraposição ao processo globalizante.

A Festa carrega em sua materialidade sentidos, valores e simbolismos construí-

dos através dos caminhos que ela percorre dentro da vida em sociedade. A Festa constitui de 'alma', pois (re) situa o sujeito no mundo vivido através da memória. Além disso, fortalece os vínculos entre as pessoas e o lugar. Por meio dela que se materializam concepções culturais, podendo assim compreender elementos da cultura local como referências e consequências da construção cultural.

O patrimônio cultural imaterial, aproximado ao conceito contemporâneo de cultura, fortalece o sentimento de cidadania. É com o fortalecimento do sentimento de pertencimento, por meio da memória e identidade do grupo social que os indivíduos se sentem fundamentais para a continuidade da sociedade. Nesse aspecto que o patrimônio cultural como um todo atua diretamente na construção da consciência de cidadania. Portanto é importante que o poder público atue como agente mediador do sentimento de patrimônio cultural. O patrimônio cultural é uma ferramenta para estratégias de promoção do turismo local, como consequência das manifestações populares: *“há que ter em mente que o patrimônio cultural tem um valor simbólico e atentatório que é caro aos seus detentores, mas que possui igualmente um valor político e econômico que*

convém não esquecer. É no equilíbrio entre todos estes valores que o patrimônio cultural imaterial pode ser realmente estruturante na vida das comunidades, promovendo o desenvolvimento de forma sustentada e possibilitando a construção de um futuro próspero que inclua o passado, o preserve, e o transforme em fator de competitividade e progresso” (Cabral, 2009).

A Festa, como forma popular de expressão, atua com papel essencial para a sociabilidade das camadas populares e entre outros segmentos sociais. Segundo Gilberto Velho (2006), a atividade religiosa, como organização social do espaço e dos lugares, é fundamental para a construção e a dinâmica das identidades coletivas se manifestando por meio dos rituais e crenças.

Perceber a Festa, a partir do nativo, confirma a sua diversidade e a sua grandiosidade, tornando claro o local que ocupa dentro das redes de sociabilidade dando significado a toda a vida da comunidade local. A Festa permite a construção de um olhar histórico em que guardam na atualidade expressões e traços do passado que podem ser encontrados em qualquer tempo e local.

No entanto, apesar de demonstrar diversos aspectos históricos, ela se refaz a

cada ano mantendo um grande diálogo entre o passado e o cotidiano do cidadão piracicabano. Existe também uma fragilidade das manifestações culturais e a dificuldade de manutenção das tradições nas comunidades. Segundo Cabral (2009), *“embora o seu sentido não seja estável (Brito, 2006), considera-se que o conceito de patrimônio cultural tem na sua base a percepção do tempo. Um tempo que passa e ultrapassa indivíduos e gerações e que, à inevitabilidade da angústia do perecimento individual, se contrapõe a esperança de permanência e transmissão intergeracional que o patrimônio coletivo sugere (Faria, 2006). O tempo confere valor patrimonial a determinadas manifestações culturais, materiais ou imateriais, que se entrelaçam com a história e aí encontram sustentação, justificação e materiais para a construção do futuro, já que preservar a memória do passado constitui uma necessidade das gerações presentes que se traduz num sentimento de dever para com as gerações futuras”*



REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. & CHAGAS, Mário. (orgs). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A e Editora Lamparina, 2003.

ANDRADE, Mário. **Aspectos das Artes Plásticas no Brasil**. São Paulo: Livraria Martins, 1965.

Danças dramáticas do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia Brasiliense e Fundação Nacional Pró-Memória, 1982.

ÁVILA, Affonso. Festa barroca: ideologia e estrutura. In: PIZARRO, Ana. (org.). **América Latina - Palavra, Literatura e Cultura**. v. 1. Campinas: Editora UNICAMP, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

CARRADORE, Hugo P. **Retrato das Tradições Piracicabanas: História e Folclore**. Piracicaba: IHGP, 2010.

CHIARINI, João. A Festa do Divino de Piracicaba. In: **Revista Mirante**. nº 54. Piracicaba, 1961.

ELIAS NETTO, Cecílio. **Almanaque 2000. Memorial de Piracicaba Século XX**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2000.

ETZEL, Eduardo. **Divino: Simbolismo no folclore e na arte popular**. São Paulo: Editora Giordano; Rio de Janeiro: Livraria Kosmos, 1995.

FARIAS, Eny K. V. A construção de atrativos turísticos com a comunidade. In: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina. (orgs). **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG e Território Brasília, 2002.

GIDDENS, Anthony. As dimensões da modernidade. In: **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP. 1991.

GOLDMAN, Marcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. In: **Revista de Antropologia**. v. 46 nº 2. São Paulo: USP, 2003.

HOWELL, Lida. Brazil Mission - From Piracicaba. In: **Woman's Missionary Advocate**. EUA: de 1890.

IPHAN. Dossiê: **Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis - GO**. Goiás, 2008.

KRÄHENBÜHL, Hélio. M. **Almanaque de Piracicaba**. Piracicaba: João Fonseca, 1955.

LEITE, Edson. **Turismo Cultural e Patrimônio Imaterial no Brasil**. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades - USP, 2008.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

PAULA, Dom Ernesto de. **Reminiscências: 80 anos de Dom Ernesto de Paula**. São Paulo: Edições Loyola, 1979.

PERECIN, Marly T. G. A devoção festiva quanto às origens. **Jornal de Piracicaba**. Piracicaba, 08 Jul. 2006.

_____. A devoção festiva e a aculturação. **Jornal de Piracicaba**. Piracicaba, 28 Jul. 2006.

_____. Festa do Divino in **Jornal de Piracicaba**. Piracicaba, 07 Jul. 2006

COORDENADORIA MUNICIPAL DE TURISMO. **A Festa do Divino**. Piracicaba: Prefeitura Municipal, 1981.

SAHLINS, Marshall. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de extinção? In: **Maná**. V. 3. N.1. Rio de Janeiro, Abril de 1997.

SANTOS, Cecília R. Novas Fronteiras e Novos Pactos para o Patrimônio Cultural. In: **São Paulo em Perspectiva**. V. 15. N. 2. São Paulo, 2001.

SILVEIRA, Flávio L. A. & FILHO, Manuel F. L. Por Uma Antropologia do Objeto Documental: entre a 'A Alma Nas Coisas' e a coisificação do objeto. In: **Horizontes Antropológicos**. Ano 11. Nº 23. Porto Alegre, 2005.

SUBIRATS, Eduardo. A lógica da colonização. NOVAES, Adaúto (org.). **Tempo e História**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

AGRADECIMENTOS

Irmandade do Divino Espírito Santo de Piracicaba.

Centro Cultural 'Martha Watts' do Instituto Educacional Piracicabano.

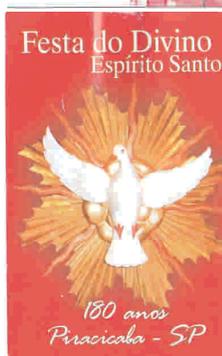
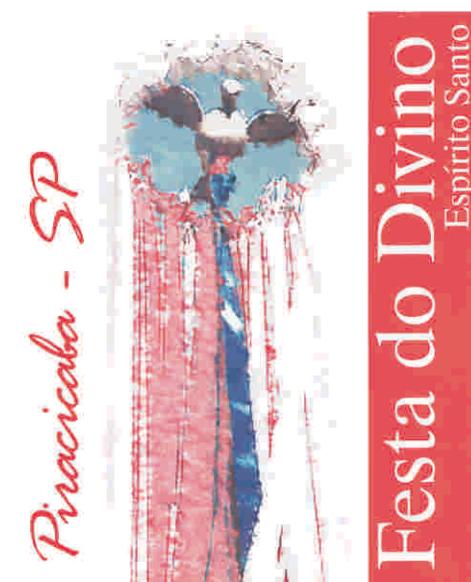
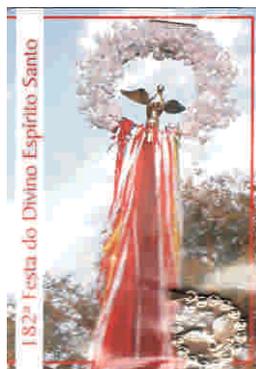
Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

Secretaria Municipal de Turismo.

Adele Françoso.

Ivan Moretti.

Maria Ignez Betiol.



FESTA DO DIVINO

PIRACICABA
COORDENADORIA DE TURISMO DE PIRACICABA

FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

De 10 a 13 de Julho 1997 - Rua do Porto Pescador - Realização: Imaração do Divino Espírito Santo e Prefeitura de Piracicaba

176ª Festa do Divino

LARGO DOS PESCADORES
Festiveiros de 2002: João Francisco Sartori (Jango) e Maria Isabel Bueno Sartori

PIRACICABA

SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO

Venha participar desta manifestação popular de fé e devoção!

Programação Festiva

07 de julho Domingo 08h - Missa no Capela do Divino 10h - Apresentação de Bandas de Brincos no Rio Piracicaba	11 de julho Quarta-Feira - 20h 20h - Apresentação musical
08, 09 e 10 de julho 10h - Missa e Brincos nos Campos da Vila do Porto 20h - Festa Solene no Capela do Divino	12 de julho Sexta-Feira - 20h 20h - Festa
13 de julho Sábado 10h - Parto das 15h Processo do Divino Espírito Santo no Rio Piracicaba 16h - Festa no Largo dos Pescadores	13 de julho Sábado 10h - Apresentação Musical 20h - Festa de Cultura
14 de julho Domingo 08h - Missa do Espírito Santo do Divino Espírito Santo no Largo dos Pescadores 10h - Festa no Largo dos Pescadores	14 de julho Domingo 08h - Festa do Café 10h - Festa do Arroz 16h - Festa dos Peixes 20h - Festa de Brincos

Tradicional FESTA DO DIVINO

166 Anos de Tradição

FESTIVEIROS: Santos Fischer e do Capela Morio de São José Fischer
CAPELA DA FESTA: Vila Imaculada Regina
LOCAL: Largo dos Pescadores

JULHO 1992

PROGRAMA:

07 de julho
Domingo
08h - Missa no Capela do Divino
10h - Apresentação de Bandas de Brincos no Rio Piracicaba

08, 09 e 10 de julho
10h - Missa e Brincos nos Campos da Vila do Porto
20h - Festa Solene no Capela do Divino

13 de julho
Sábado
10h - Parto das 15h
Processo do Divino Espírito Santo no Rio Piracicaba
16h - Festa no Largo dos Pescadores

14 de julho
Domingo
08h - Missa do Espírito Santo do Divino Espírito Santo no Largo dos Pescadores
10h - Festa no Largo dos Pescadores

VAMOS COLABORAR!
Doações e prendas: R. 3434-9701
Rua Moraes Barros, 58
Local: Largo dos Pescadores

Imaração do Divino Espírito Santo de Piracicaba
Prefeitura Municipal de Piracicaba

GRANDE FESTA RELIGIOSA CAPELA ESPÍRITO SANTO

PARÓQUIA MENINO JESUS DE PRAGA BAIRRO DINI

DIAS: 13 E 14 DE ABRIL DE 2002

SÁBADO DIA: 13 **DOMINGO DIA: 14**

A PARTIR DA 20:00hs SERÁ SERVIDO NO SALÃO DE FESTAS FRANCO CUSCUIZ, BATATA, MANDIOCA FRITA, COMPLETO SERVIÇO DE BAR

ANIMAÇÃO: GIAN CARLOS E RENAN

FESTIVEIROS: ADRIAN ROBERTO, RAFAELA JOEL BASSOLI, ANTONIA, ANTONIA AGUIAR, DINI, ALVARO FERREIRA, GUANDES, NELSON GOMES JUNIOR, ARAGUÁ, ANTONIO JOSE DIAS

ATA TURZIMINA: LUIZ CARLOS DO SILVA, PATERNO VERMELOS, ADRIANA FREIRE, PAU D'ALHINO, BEATILIE GRANDES, PAU D'ALHINO, DEMISTE RODRIGUES

NO DOMINGO SERÁ REALIZADO O LITÂNIO COM: NICO SARTORI COM VALIOSAS PREZENCAS. APÓS CONTINUADA A ANIMAÇÃO COM GIAN CARLOS E RENAN

QUE O ESPÍRITO SANTO ILLUMINE E ABENÇOE TODOS QUE COLABOREM PARA O ÊXITO DA FESTA!

RETIFICA "SÃO CRITOVÃO"
Bênção do Menino Jesus do Divino Espírito Santo
TEL.: 3421-0631 / 3421-6630

SALÃO DE FESTAS BELA BATA
Organizado pelo grupo Belas Batas no comércio BELA BATA-589
AL. CARLOS DE FREITAS, 141 - BARRIO PIRACICABA - SP

178ª Festa do Divino Espírito Santo

A fé como expressão da cultura popular

04 Julho a 11/2004

Programação Religiosa, Festiva e Gastronômica
Largo dos Pescadores

Imaração do Divino Espírito Santo de Piracicaba

O Divino Espírito Santo na Vida da Igreja

FESTA DO DIVINO

PIRACICABA - SP
185 anos de tradição

Parque Mac. José e São João
Rua Moraes Barros, 58
Local: Largo dos Pescadores

VAMOS COLABORAR!
Doações e prendas: R. 3434-9701
Rua Moraes Barros, 58
Local: Largo dos Pescadores

JULHO DE 2011

PROGRAMAÇÃO RELIGIOSA

PROGRAMAÇÃO FESTIVA

07 de julho
Domingo
08h - Missa no Capela do Divino
10h - Apresentação de Bandas de Brincos no Rio Piracicaba

08, 09 e 10 de julho
10h - Missa e Brincos nos Campos da Vila do Porto
20h - Festa Solene no Capela do Divino

13 de julho
Sábado
10h - Parto das 15h
Processo do Divino Espírito Santo no Rio Piracicaba
16h - Festa no Largo dos Pescadores

14 de julho
Domingo
08h - Missa do Espírito Santo do Divino Espírito Santo no Largo dos Pescadores
10h - Festa no Largo dos Pescadores

VAMOS COLABORAR!
Doações e prendas: R. 3434-9701
Rua Moraes Barros, 58
Local: Largo dos Pescadores

Imaração do Divino Espírito Santo de Piracicaba
Prefeitura Municipal de Piracicaba

Fotos: Acervo Setur

